

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA (1848)

Seguido de

Gotha

Comentários à margem do Programa do Partido Operário Alemão

por **Karl Marx (1875)**

Leituras afins:

10 DIAS QUE ABALARAM O MUNDO - JOHN REED (VOL. 295)

ANARQUISTAS - VOL. 1 - A idéia - George Woodcock (vol. 273)

ANARQUISTAS - VOL. 2 - O movimento - George Woodcock
(vol. 274)

A ALMA DO HOMEM SOB O SOCIALISMO - Oscar Wilde (vol. 312)

A LIBERDADE DE IMPRENSA - Karl Marx (vol. 176)

MARX - VIDA & OBRA - José Arthur Giannotti (vol. 245)

A PROPRIEDADE É UM ROUBO - P.-J. Proudhon (vol. 84)

TEXTOS ANARQUISTAS - Bakunin (vol. 157)

ARQ. MODERNA E SOCIALISMO UTOPICO

- 1 - Trotsky elogia/comida importante a concepção dos
defensores p/ a CONSTRUÇÃO DO M. VIDA NOVO
- 2 - Adorno, do mundo, ARQ. MOD. é tão importante com seu
pensamento crítico (LECOROU) (NIEMER É 2 DO NOVOS ELEMENTOS)
- 1 - Na Rússia soviética, trata-se de pensar a
cultura burguesa, alienada, a
cultura, p/ a superação da 1ª cultura

Inclui as concepções de Trotsky, as
definições que Trotsky destaca como
as mais comuns e do futuro; p/ a sua
valorização no sítio a misturar as experiências
de comunas e seu reflexo nos institutos;
comparando (p/ q se comparava) com
Cantabro, arquiteto ~~aparece~~ e designa.

- 2 - (Após) Com o estalinismo dentro e fora da URSS, a
bloqueio da revolução mundial, a saturação estética
mundial MUITO: a esfera de continuação do novo m. b.
do socialismo, por ESMASADA. A principal tarefa histórica
delocou-se claramente p/ a rejeição do estalinismo com
toda a VIOLENCIA e a distinção revolucionária

Karl Marx & Friedrich Engels

MOMENTO ATUAL DA LUTA DO PROLET.: INFÂNCIA DA CIRCULAÇÃO:
BANDEIRA: ESCALAS MÓVEIS, FACETES DE B. BANDEIRA 1/25
INTELLECTUALS E ARTISTAS, CONTRA A DESTRUIÇÃO DAS FORÇAS PRODUTIVAS
RECONSTRUÇÃO DAS CIDADES

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA (1848)

aproximar à prop. capitalista
integração
libertação das vítimas em
símbolos
expressão fundacional
(livre vazio, alusão)

Seguido de

Gotha

PROCESSO REVOLUCIONÁRIO
A PARTIR DESSE
PROG. "URBANO"
[RADICALIZAÇÃO DE
SETORES DA PRÓPRIA
"INTELLIGENTSIA"]

[LEVAR À RADICALIZAÇÃO DOS CONFRONTOS]

Comentários à margem do Programa do Partido Operário Alemão

por Karl Marx (1875)

Tradução de Sueli Tomazini Barros Cassal

2 [CONT]

(TRANSIÇÃO) DO NECESSÁRIO. SOB ESTAS CONDIÇÕES [Q
SÓ SE REFERIRIAM DEPOIS DA QUEDA DOS
REGIMES "SOCIALISTAS" DO LESTE EUROPEU, DA PRÓPRIA URS],
A NOÇÃO DE UMA VANGUARDA DE CONSTRUÇÃO DE UMA
CULTURA SOCIALISTA PERDE O SENTIDO PRÁTICO, E
CRESCER A NECESSIDADE DE UMA VANGUARDA (ESTÉTICA
- POLÍTICA) Q LEVA A TRANSIÇÃO DO SOCIALISMO, Q
CONSIGA LANÇAR (CORRENDO ESTE PROCESSO) A FIM CONQUISTA

www.lpm.com.br

A 6ª TAREFA

É FORMULAR

UM PROGRAMA

1/ VANGUARDISMO ESTÉTICO, UMA ESPÉCIE

DE PROGRAMA ESTÉTICO TRANSITÓRIO, ENCADEADO AO PRÓPRIO
PROGRAMA DE TRANSIÇÃO.

L&PM POCKET

DO PODER PELO
POCKET. COMO
BANDEIRA
EFETIVA.

Coleção **L&PM** Pocket, vol. 227

Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: maio de 2001

Tradução: Suely Tomazini Barros Cassal

Capa: Ivan Pinheiro Machado

Ilustração da capa: Chapiro -- Marx e Engels na redação da *Nouvelle Gazette rhénane* (Museu Marx e Engels -- Moscou).

Revisão: Renato Deitos e Jô Saldanha

ISBN: 85.254.1124-8

M392m Marx, Karl, 1818-1883

Manifesto do partido comunista / Karl Marx / c/
Friedrich Engels; tradução de Suely Tomazzini Barros
Cassal. -- Porto Alegre: L&PM, 2001.

132 p. ; 17 cm -- (Coleção L&PM Pocket)

1. Marxismo. 2. Socialismo Marxismo. 3. Engels,
Friedrich, 1820-1895. I. Título. II. Série.

CDD 316.26

32.000.141.82

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© L&PM Editores, 2001

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores

PORTO ALEGRE: Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - 90220-180

Floresta - RS / Fone: (0xx51) 3225.5777

informações e pedidos: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Impresso no Brasil

Primavera de 2004

EM BUSCA DOS AMANHÃS QUE ENCANTAM

Marx e Engels escreveram o *Manifesto do Partido Comunista* em 1848. Nele, retratam o assombroso desenvolvimento da burguesia e sua luta com o proletariado emergente, que germinou em seu próprio bojo. Essa luta previa um final feliz: a derrocada da burguesia e a entronização do proletariado. Quem não ouviu falar da “ditadura do proletariado”, etapa necessária para se atingir a sociedade sem classes?

“Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista, há o período de transformação revolucionária da primeira na segunda. A esse período corresponde também um período de transição política em que o Estado não poderá ser senão *a ditadura revolucionária do proletariado*.” (*Crítica ao Programa de Gotha*.)

Marshall Berman, em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, destaca que, além da luta de classes, o *Manifesto Comunista* faz o elogio da burguesia! No texto do *Manifesto*, nota-se que se está no limiar de um novo mundo. O capital, aliado à incipiente revolução tecnocrática, começa sua caminhada vitoriosa, fre-

nética, insaciável, levando de roldão homens e fronteiras.

“O revolucionamento permanente da produção, o abalo contínuo de todas as categorias sociais, a insegurança e a agitação sempiternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações imutáveis e esclerosadas, com seu cortejo de representações e de concepções vetustas e veneráveis se dissolvem; as recém-constituídas corrompem-se antes de tomarem consistência. Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas.” (*Manifesto do Partido Comunista*.)

Marshall Berman não hesita também em classificar o *Manifesto Comunista* “como a primeira grande obra de arte modernista”. Com efeito, outros manifestos seguiram-se ao *Manifesto Comunista*, exaltando as multidões, o trabalho, a modernidade e o maquinário, como o *Manifesto Futurista*, de Marinetti, em 1909. Esses manifestos repercutiram também em nosso meio. Oswald de Andrade, em 1928, escreveu o *Manifesto Antropófago*, que é a pregação de uma utopia: a sociedade tecnocratizada, o ócio, o matriarcado e a idade de ouro, como bem destacou Haroldo de Campos.

Hoje, depois do colapso que sofreram os sistemas totalitaristas explicativos do século XX, pode-se ler o *Manifesto Comunista* nessa direção. A famosa passagem, que transcrevemos a seguir, sobre a perda da aura, do halo, que incide, a partir do desenvolvimento da burguesia, sobre as mais diversas profissões, tem ecos na “perda da auréola”, que Baudelaire destina ao poeta, doravante destinado a lidar com o lado espúrio da sociedade. Também ecoa na concepção de Walter Benjamin, que impu- tou à era da reprodutibilidade técnica a responsabilidade pela “perda da aura” dos objetos na sociedade massificada. Mesmo se Benjamin foi influenciado pela mística judaica no que toca especialmente a esse ponto, é interessante notar a circulação dos conceitos de Marx e de Engels nesses diferentes autores, que marcaram a literatura do século XX.

“A burguesia despojou de sua aura todas as atividades até então consideradas com respeito e temor religioso. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência, em assalariados por ela remunerados.

A burguesia rasgou o véu de emoção e de sentimentalidade das relações familiares e reduziu-as a mera relação monetária.

A burguesia desvelou que as demonstrações de brutalidade da Idade Média, tão ad-

miradas pela Reação, tinham seu exato contrapeso na indolência mais abjeta. Foi quem primeiro demonstrou quão capaz é a atividade dos homens. Realizou maravilhas superiores às pirâmides egípcias, aos aquedutos romanos e às catedrais góticas. Levou a cabo expedições maiores que as grandes invasões e as Cruzadas.” (*Manifesto do Partido Comunista.*)

Muito embora Marx e Engels se insurjam, no *Manifesto*, contra os socialistas utópicos, zombando dos falanstérios fourieristas e da Icária de Cabet, ambos delineavam esse mundo do amanhã, onde os proletários e não mais a burguesia e o capital seriam os protagonistas e onde se suprimiria a propriedade individual da terra, tópico presente em todas as utopias, desde a *República* de Platão.

À revelia de Marx e Engels, a marcha da História mostrou, portanto, que também eles trilhavam o caminho das utopias. O capital migrante e avassalador e a revolução tecnocrática destronaram não só o proletariado, mas inclusive a própria idéia de trabalho, hoje um bem em vias de rarefação.

No limiar do terceiro milênio, o sonho coletivista naufragou, deixando uma brecha para uma nova era do mais deslavado individualismo. Mas vale lembrar, juntamente com

o *Manifesto Comunista*, dos sonhos remanescentes de toda uma tradição política ocidental que acreditou nos amanhãs que cantam. Alguns versos, canção da Internacional, hino da Comuna, calcado nos versos do poeta Eugène Pottier, resumem os sonhos de Marx e Engels. Com efeito, a velha canção, em que camponeses e operários se confraternizam, para usufruir da terra inteira, depois de terem escorraçado reis, ociosos, generais e até Deus, hoje integra o lote melancólico das utopias perdidas:

*“Em pé, deserdados da Terra!
Em pé, forçados da fome!
A Razão ribomba em sua cratera,
É a irrupção do fim!
Do passado, façamos tábula rasa,
Multidão escrava, em pé, em pé!
O mundo vai mudar de base,
Não somos nada, sejamos tudo!
É a luta final,
Unamo-nos e amanhã
A Internacional
Será o gênero humano!”*

*Sueli T. Barros Cassal
Abril de 2001*

KARL MARX & FRIEDRICH ENGELS

**Manifesto do Partido Comunista
1848**

PREFÁCIO À EDIÇÃO ALEMÃ DE 1872

A Liga dos Comunistas, Associação Internacional dos Trabalhadores, que, nas circunstâncias da época, não podia deixar de ser secreta, encarregou os abaixo-assinados, no Congresso de Londres, em novembro de 1847, de redigir para publicação um programa teórico e prático detalhado do Partido. Assim surgiu o *Manifesto* seguinte, cujo manuscrito foi enviado para impressão em Londres algumas semanas antes da Revolução de Fevereiro.

Publicado inicialmente em alemão, foi impresso pelo menos em doze edições diferentes na Alemanha, na Inglaterra e na América. Em inglês, foi primeiro publicado em Londres, em 1850, no *Red Republican*, em tradução de Helen Macfarlane, e nos Estados Unidos, em 1871, em pelo menos três traduções diferentes. Em francês, apareceu inicialmente em Paris pouco antes da insurreição de junho de 1848 e, recentemente, em *Le Socialiste*, de Nova York. Uma nova tradução está em preparação. Apareceu em polonês, em Londres, pouco depois da primeira edição alemã e, em russo, em

Genebra, nos anos sessenta. Foi igualmente traduzido para o dinamarquês pouco depois de seu aparecimento.

Apesar das condições terem se alterado consideravelmente nos últimos vinte e cinco anos, os princípios gerais desenvolvidos neste *Manifesto* conservam, grosso modo, ainda hoje toda a sua razão de ser. Haveria que fazer aqui e ali algumas emendas. A aplicação prática desses princípios – o *Manifesto* deixa claro – dependerá sempre e em toda a parte das circunstâncias históricas dadas. Por isso, não atribuímos nenhuma importância particular às medidas revolucionárias propostas no final da Seção II. Essa passagem seria hoje, em muitos aspectos, diferentemente formulada. Levando-se em conta o imenso progresso realizado pela grande indústria nos últimos vinte e cinco anos e, com ele, o progresso da organização partidária da classe operária, levando-se em conta a experiência prática da Revolução de Fevereiro em primeiro lugar, e mais ainda da Comuna de Paris – na qual, pela primeira vez, o proletariado deteve em mãos durante dois meses o poder político –, este programa está hoje ultrapassado sob certos aspectos. A Comuna, sobretudo, provou que “a classe operária não pode limitar-se a apoderar-se da máquina do Estado, nem colocá-la em movimento para

atingir seus próprios objetivos”. (Ver *A guerra civil na França. Mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores* [...], onde isto foi desenvolvido mais detalhadamente.) Além disso, é óbvio que a crítica da literatura socialista (Seção III) apresenta lacunas para nossa época, pois só se estende até 1847. O mesmo vale para as observações sobre a posição dos comunistas em relação a diferentes partidos de oposição (Seção IV). Se em suas diretrizes, tais observações permanecem ainda hoje válidas, estão ultrapassadas no que tange à sua implementação porque a situação política se modificou completamente e a evolução histórica varreu da terra a maior parte dos partidos ali mencionados.

Todavia, o *Manifesto* é um documento histórico que já não nos arrogamos o direito de modificar. Talvez uma edição ulterior apareça, acompanhada de uma introdução que cobrirá o período de 1847 até hoje. A edição atual nos pegou de surpresa, não nos dando tempo para isso.

Karl Marx e Friedrich Engels
Londres, 24 de junho de 1872

PREFÁCIO À EDIÇÃO ALEMÃ DE 1890

[...]

O *Manifesto* fez seu próprio caminho. No momento de sua publicação, foi saudado com entusiasmo pela vanguarda, então pouco numerosa, do socialismo científico (como provam as traduções citadas no primeiro prefácio). Logo depois, foi relegado ao segundo plano pela reação iniciada com a derrota dos operários parisienses em junho de 1848. Finalmente, foi proscrito, “de acordo com a lei”, pela condenação dos Comunistas de Colônia, em novembro de 1852. Desaparecendo da cena pública o movimento operário que datava da Revolução de Fevereiro, o *Manifesto* passou também para segundo plano.

Quando a classe operária européia acreditou estar suficientemente fortalecida para empreender nova arremetida contra a força das classes dominantes, nasceu a Associação Internacional dos Trabalhadores. Esta tinha por objetivo fundir num *único* e expressivo corpo militante o conjunto da classe operária da Europa e da América suscetível de entrar na luta. Não podia, portanto, *partir* dos princípios es-

tabelecidos no *Manifesto*. Ela devia ter um programa que não fechasse a porta às *trade-unions* inglesas, aos proudhonianos franceses, belgas, italianos e espanhóis e aos lassalleanos alemães. Esse programa – as considerações introdutórias aos Estatutos da Internacional – foi esboçado por Marx com uma perspicácia reconhecida até mesmo por Bakunin e pelos anarquistas. Para a vitória final das proposições enunciadas no *Manifesto*, Marx confiava pura e simplesmente no desenvolvimento intelectual da classe operária, tal qual este tinha necessariamente que resultar da unidade de ação e da discussão. Os acontecimentos e as vicissitudes da luta contra o capital, as derrotas mais do que os êxitos não podiam deixar de mostrar claramente aos combatentes a insuficiência das panacéias pregadas até então e de torná-los aptos a compreenderem a fundo as verdadeiras condições da emancipação dos trabalhadores. Marx tinha razão. A classe operária de 1874, por ocasião da dissolução da Internacional, era totalmente diferente da de 1864, quando de sua fundação. O proudhonismo nos países latinos, o lassallismo específico na Alemanha agonizavam, e as mais conservadoras *trade-unions* inglesas aproximavam-se progressivamente do ponto em que, em 1887, o

presidente do seu Congresso podia declarar em nome delas, em Swansea: “O socialismo do continente perdeu para nós seu aspecto aterroizador”. Mas o socialismo continental, desde 1887, já era quase só a teoria proclamada no *Manifesto*. E assim a história do *Manifesto* reflete, até certo ponto, a história do movimento operário moderno desde 1848. Hoje, ele é, sem nenhuma dúvida, o produto mais amplamente difundido, mais internacional, do conjunto da literatura socialista, o programa comum de milhões e milhões de operários de todos os países, da Sibéria à Califórnia.

No entanto, por ocasião de sua publicação, não poderíamos tê-lo chamado de manifesto *socialista*. Por socialista, em 1847, entendia-se dois tipos de pessoas. De uma parte, os adeptos dos diversos sistemas utópicos, especialmente os “owenistas”, na Inglaterra, e os “fourieristas”, na França, os quais já estavam reduzidos na época a meras seitas agonizantes. De outra parte, os charlatões sociais de todos os horizontes que, com suas diversas panacéias e toda a sorte de remendos, queriam eliminar os males sociais sem causar nenhum prejuízo ao capital e ao lucro. Em ambos os casos: pessoas que estavam fora do movimento operário e procuravam, sobretudo, o apoio

das classes “cultas”. Em compensação, a parte dos operários que, convencida da insuficiência de simples mudanças políticas, exigia uma reorganização global da sociedade, essa parte chamava-se então *comunista*. Era apenas um comunismo toscamente elaborado, somente instintivo, por vezes um pouco primário; mas foi suficientemente forte para dar origem a dois sistemas de comunismo utópico: na França, o comunismo “icariano” de Cabet; na Alemanha, o de Weitling. Em 1847, socialismo significava um movimento burguês; comunismo, um movimento operário. O socialismo, pelo menos no Continente, podia figurar nos salões; com o comunismo dava-se o inverso. E como, já nesse momento, estávamos muito apegados à idéia de que “a emancipação dos trabalhadores deve ser obra da própria classe operária”, não podíamos ter nenhuma dúvida sobre qual dos nomes era preciso escolher. Desde então, jamais nos passou pela cabeça repudiá-lo.

“Proletários de todos os países, uni-vos!” Poucas foram as vozes que responderam, quando lançamos essas palavras ao mundo há quarenta e dois anos atrás, às vésperas da primeira revolução parisiense, na qual o proletariado entrou em cena com suas próprias reivindicações. Mas, em 28 de setembro de 1864, prole-

tários da maior parte dos países da Europa Ocidental uniram-se para formar a Associação Internacional dos Trabalhadores, de gloriosa memória. É bem verdade que a Internacional só viveu nove anos. Que a aliança eterna entre os proletários de todos os países por ela criada está ainda viva e com uma vida mais pujante do que nunca, não há melhor testemunho do que precisamente o presente. Pois hoje, no momento em que estou escrevendo estas linhas, o proletariado da Europa e da América passa em revista suas forças combatentes mobilizadas pela primeira vez, mobilizadas em um *único* exército, sob uma *única* bandeira, para um *único* objetivo imediato: a regulamentação da jornada de trabalho de oito horas, fixada legalmente e proclamada, desde 1866, pelo Congresso da Internacional, em Genebra, e de novo, em 1889, pelo Congresso Operário de Paris. O espetáculo do dia de hoje abrirá os olhos aos capitalistas e aos proprietários de terra de todos os países para o fato de que hoje os proletários de todos os países estão efetivamente unidos.

Pena que Marx não esteja mais a meu lado, para ver isso com seus próprios olhos!

F. Engels

Londres, 1º de maio de 1890

Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa aliaram-se para uma Santa Caçada a esse espectro: o papa e o czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães.

Que partido de oposição não foi tachado de comunista pelos adversários no poder? Que partido de oposição rebateu, tanto aos homens mais radicais da oposição quanto a seus adversários reacionários, com a acusação injuriosa?

Duas conclusões se impõem:

O comunismo já é reconhecido como uma força por todas as forças da Europa.

Está mais do que na hora de os comunistas exporem abertamente ao mundo inteiro suas concepções, seus objetivos e suas tendências e de contraporem à lenda do espectro do comunismo um manifesto do partido.

Com esse objetivo, comunistas das mais diversas nacionalidades reuniram-se em Londres para definir as grandes linhas do manifesto que segue, o qual será publicado em inglês, francês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês.

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA

I

BURGUESES E PROLETÁRIOS¹

A história de toda sociedade até nossos dias² é a história da luta de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua, ora velada, ora aberta, luta que a

¹ Por burguesia entendemos a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores do trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos operários assalariados modernos que, não possuindo meios próprios de produção, reduzem-se a vender a força de trabalho para poderem viver. (Nota de Engels à edição inglesa de 1888.)

² Na verdade, trata-se aqui da História transmitida por escrito. Em 1847, a pré-história da sociedade e a organização social que precedeu toda a história escrita era quase desconhecida. Desde então, Haxthausen descobriu a propriedade comum da terra na Rússia. Maurer demonstrou qual era o fundamento social de onde historicamente se oriundam todos os ramos germânicos e, progressivamente, descobriu-se que comunas rurais, com propriedade coletiva da terra, foram a forma primitiva da sociedade, da Índia à Irlanda. Finalmente, a organização interna dessa primitiva sociedade comunista foi deslindada em sua forma típica, quando Morgan, coroadando tudo, descobriu a natureza verdadeira da *gens* e de sua relação com a tribo. Com a decomposição dessas comunidades primitivas, começa a divisão da sociedade em classes particulares e, finalmente, antagônicas. (Nota de Engels à edição inglesa de 1888 e à alemã de 1890.)

cada etapa conduziu a uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou ao aniquilamento das duas classes em confronto.

Nos primórdios da História encontramos, quase em toda a parte, uma organização completa da sociedade em diferentes grupos, uma série hierárquica de situações sociais. Na Roma antiga, temos patrícios, cavaleiros, plebeus e escravos; na Idade Média, senhores feudais, vassallos, mestres de corporação, oficiais e servos; além disso, quase todas essas classes comportam subdivisões hierárquicas.

A sociedade burguesa moderna, oriunda do esfacelamento da sociedade feudal, não suprimiu a oposição de classes. Limitou-se a substituir as antigas classes por novas classes, por novas condições de opressão, por novas formas de luta.

O que distingue nossa época – a época da burguesia – é ter simplificado a oposição de classes. Cada vez mais, a sociedade inteira divide-se em dois grandes blocos inimigos, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado.

Os servos da Idade Média deram origem aos cidadãos das primeiras comunas; advindos desses cidadãos, nasceram os primeiros elementos da burguesia.

A descoberta da América, a circunavegação da África ofereceram à burguesia ascendente um novo terreno. O mercado indiano e chinês, a colonização da América, o intercâmbio com as colônias e, em geral, a intensificação dos meios de troca e das mercadorias deram ao comércio, à navegação e à indústria um impulso até então desconhecido, favorecendo na sociedade feudal em desintegração a expansão rápida do elemento revolucionário.

O modo de funcionamento feudal e corporativo da indústria já não satisfazia o crescimento das demandas consecutivas à abertura de novos mercados. A manufatura substituiu-o. Os mestres de corporação foram desalojados pela classe média industrial; a divisão do trabalho em corporações diversas desapareceu em benefício da divisão do trabalho dentro de cada oficina.

Mas os mercados não paravam de crescer e as demandas, de aumentar. Logo a manufatura revelou-se insuficiente. Então, o vapor e o maquinismo revolucionaram a produção industrial. A manufatura deu lugar à grande indústria moderna; a classe média industrial, aos milionários da indústria, chefes de verdadeiros exércitos industriais, os burgueses modernos.

A grande indústria criou o mercado mun-

dial, preparado pela descoberta da América. O mercado mundial expandiu prodigiosamente o comércio, a navegação e as comunicações. Por sua vez, esse desenvolvimento repercutiu sobre a extensão da indústria, e à medida que indústria, comércio, navegação e ferrovia se desenvolviam, a burguesia crescia, multiplicava seus capitais e relegava para o segundo plano as classes tributárias da Idade Média.

Portanto, vemos que a burguesia moderna é produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de profundas transformações no modo de produção e nos meios de comunicação.

Cada uma das etapas do desenvolvimento da burguesia acompanhou-se de um progresso político correspondente. Ela foi inicialmente um grupo oprimido sob o jugo dos senhores feudais, organizando a própria defesa e sua administração na comuna³, aqui república urbana independente, ali terceiro estado tributa-

³ "Comuna" é o nome dado na França às cidades nascentes, mesmo antes de terem conquistado de seus senhores feudais e mestres a administração local autônoma e os direitos políticos, como terceiro estado. De maneira geral, tomamos aqui a Inglaterra como país representativo do desenvolvimento econômico da burguesia; a França, do desenvolvimento político. (Nota de Engels à edição inglesa de 1888.) Assim os habitantes das cidades da Itália e da França chamavam suas "comunidades urbanas", depois de terem adquirido ou conquistado de seus senhores feudais os primeiros direitos à autonomia administrativa. (Nota de Engels à edição alemã de 1890.)

do pelo rei. Posteriormente, na época da manufatura, tornou-se um contrapeso à nobreza na monarquia descentralizada ou absoluta, fundamento essencial das grandes monarquias. Com a criação da grande indústria e do mercado mundial, a burguesia conquistou finalmente a dominação política exclusiva no moderno Estado parlamentar. Um governo moderno é tão-somente um comitê que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa.

A burguesia desempenhou na História um papel revolucionário decisivo.

Onde quer que tenha chegado ao poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Estilhaçou, sem piedade, os variegados laços feudais que subordinavam o homem a seus superiores naturais, e não deixou subsistir entre os homens outro laço senão o interesse nu e cru, senão o frio “dinheiro vivo”. Submergiu nas águas glaciais do cálculo egoísta os frêmitos sagrados da piedade exaltada, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês. Reduziu a dignidade pessoal a simples valor de troca e, em lugar das inumeráveis liberdades estatuídas e arduamente conquistadas, erigiu a liberdade *única* e implacável do comércio. Em resumo, substituiu a exploração disfarçada sob ilusões

religiosas e políticas pela exploração aberta, cínica, direta e brutal.

A burguesia despojou de sua aura todas as atividades até então consideradas com respeito e temor religioso. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência, em assalariados por ela remunerados.

A burguesia rasgou o véu de emoção e de sentimentalidade das relações familiares e reduziu-as a mera relação monetária.

A burguesia desvelou que as demonstrações de brutalidade da Idade Média, tão admiradas pela Reação, tinham seu exato contrapeso na indolência mais abjeta. Foi quem primeiro demonstrou quão capaz é a atividade dos homens. Realizou maravilhas superiores às pirâmides egípcias, aos aquedutos romanos e às catedrais góticas. Levou a cabo expedições maiores que as grandes invasões e as Cruzadas.

A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção; portanto, as relações de produção; e assim, o conjunto das relações sociais. Ao contrário, a manutenção inalterada do antigo modo de produção foi a condição precípua de existência de todas as classes industriais do passado. O revolucionamento permanente da produção, o abalo contínuo de todas as categorias

dissolvente / corrump
das relações anteriores 1841
sociais, a insegurança e a agitação sempiternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações imutáveis e esclerosadas, com seu cortejo de representações e de concepções vetustas e veneráveis dissolvem-se; as recém-constituídas corrompem-se antes de tomarem consistência. Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas.

Pressionada pela necessidade de mercados sempre mais extensos para seus produtos, a burguesia conquista a terra inteira. Tem que imiscuir-se em toda a parte, instalar-se em toda a parte, criar relações em toda a parte.

Pela exploração do mercado mundial, a burguesia tornou cosmopolita a produção e o consumo de todos os países. Para grande pesar dos reacionários, retirou da indústria sua base nacional. As antigas indústrias nacionais foram aniquiladas e ainda continuam a ser nos dias de hoje. São suplantadas por novas indústrias cuja introdução se torna uma questão de vida ou de morte para todas as nações civilizadas: essas indústrias não empregam mais matérias-primas locais, mas matérias-primas pro-

venientes das mais longínquas regiões, e seus produtos acabados não são mais consumidos somente *in loco*, mas em todas as partes do mundo, ao mesmo tempo. As antigas necessidades, antes satisfeitas pelos produtos locais, dão lugar a novas necessidades que exigem, para sua satisfação, produtos dos países e dos climas mais remotos. A auto-suficiência e o isolamento regional e nacional de outrora deram lugar a um intercâmbio generalizado, a uma interdependência geral entre as nações. Isso vale tanto para as produções materiais quanto para as intelectuais. Os produtos intelectuais de cada nação tornam-se um bem comum. O espírito nacional tacanho e limitado torna-se cada dia mais inviável, e da soma das literaturas nacionais e regionais cria-se uma ~~literatura mundial~~.

Pelo rápido desenvolvimento de todos os instrumentos de produção, pelas comunicações infinitamente facilitadas, a burguesia impele todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a torrente da civilização. Os preços baixos de suas mercadorias são a artilharia pesada que derriba todas as muralhas da China, que obriga os bárbaros xenófobos mais renitentes a capitularem. Obriga todas as nações, sob pena de arruinarem-se, a adotarem o modo de pro-

ção mais imponentes e mais colossais que todas as gerações precedentes reunidas. O domínio das forças naturais, o maquinismo, as aplicações da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, as ferrovias, o telégrafo, o desbravamento de continentes inteiros, a canalização de rios, o aparecimento súbito de populações — em que século anterior se poderia prever que tais forças produtivas co-chilavam no seio do trabalho social?

Portanto, vimos que os meios de produção e de troca que serviram de base à formação da burguesia foram gerados na sociedade feudal. Em certo estágio do desenvolvimento desses meios de produção e de troca, as condições em que a sociedade feudal produzia e intercambiava, a organização feudal da agricultura e da manufatura, em suma, as condições da propriedade feudal deixaram de corresponder às forças produtivas já desenvolvidas. Entravavam a produção em vez de a incrementarem. Transformaram-se em meros grilhões. Era preciso arrebenhá-los, e assim sucedeu. Foram substituídas pela livre concorrência, com a organização social e política pertinente, com a supremacia econômica e política da classe burguesa.

“VIRADA”

Diante de nossos olhos, desenrola-se um movimento análogo. As relações burguesas de produção e de troca, as relações burguesas de propriedade, a sociedade burguesa moderna que gerou, como por encanto, meios de produção e de troca tão poderosos assemelha-se ao feiticeiro que já não consegue dominar as potências demoníacas que evocara. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio é tão-somente a história da revolta das modernas forças produtivas contra as relações modernas de produção, contra as relações de propriedade, que são as condições da existência da burguesia e de sua dominação. Basta citar as crises comerciais que, em sua periódica recorrência, colocam em perigo, de forma sempre mais ameaçadora, a existência de toda a sociedade burguesa. As crises comerciais aniquilam regularmente grande parte não somente dos produtos existentes, mas também das forças produtivas já criadas. Nas crises eclode uma epidemia social que teria parecido um contra-senso a todas as épocas anteriores: a epidemia da superprodução. A sociedade vê-se bruscamente de volta a um estado de barbárie momentânea: dir-se-ia que a fome ou uma guerra geral de aniquilamento tolheram-lhe todos os meios de subsistência: a indústria e o

contraditório na história da produção

FORÇA REVOLUCIONÁRIA NASCIDA
DO PRÓPRIO AVANÇO DA BURGUESIA, 33
O ELA MESMA NÃ CONSEGUE CONTROLAR
(PODEROSA DEMAIS P) A PRÓPRIA BURGUESIA)

CRASE DE SUPERPRODUÇÃO? *Comer a hasta própria de forças produtivas*
comércio parecem aniquilados. E por quê? *Longa*
Civilização em excesso, meios de subsistência
em excesso, indústria em excesso, comércio em excesso. As forças produtivas de que dispõe já não servem para promover a civilização burguesa e as relações de propriedade burguesas; ao contrário, tornaram-se poderosas demais para essas relações, e são por elas entravadas. E, assim que superam esse obstáculo, precipitam toda a sociedade burguesa na desordem, colocam em perigo a existência da sociedade burguesa. As relações burguesas tornaram-se estreitas demais para conterem a riqueza que produziram. — Como a burguesia supera as crises? De uma parte, pelo aniquilamento forçado de um enorme contingente de forças produtivas; de outra, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais acirrada dos antigos. Por intermédio de quê? Preparando crises mais extensas e mais violentas e reduzindo os meios para preveni-las.

As armas que a burguesia usou para abater o feudalismo voltam-se agora contra ela mesma.

Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe darão a morte; também engendrou os homens que empunharão essas armas: os operários modernos, os proletários.

O desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, corresponde, na mesma proporção, ao desenvolvimento do proletariado, da classe dos operários modernos que só sobrevivem à medida que encontram trabalho, e só encontram trabalho à medida que seu trabalho aumenta o capital. Esses operários, compelidos a venderem-se a retalho, são uma mercadoria como qualquer outro artigo do comércio e, portanto, estão igualmente sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado.

Com a extensão do maquinismo e da divisão do trabalho, o trabalho perdeu todo caráter de autonomia e, assim, todo atrativo para o operário. Este torna-se um simples acessório da máquina. Só lhe exigem o gesto mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender. Portanto, os custos que o operário gera limitam-se aproximadamente apenas aos meios de subsistência de que necessita para manter-se e reproduzir-se. Ora, o preço de uma mercadoria – e, portanto, também do trabalho – é igual a seus custos de produção. Por conseguinte, à medida que o trabalho se torna mais repugnante, o salário decresce. Mais ainda, à medida que o maquinismo e a divisão de trabalho aumentam, cresce também a massa do trabalho.

+ VALIA, mas ainda *em tempo*
explicitamente, *pronto*

seja pelo aumento do trabalho exigido em determinado lapso de tempo, seja pela aceleração do movimento das máquinas, etc.

A indústria moderna transformou a pequena oficina do mestre artesão patriarcal na grande fábrica do capitalista industrial. Contingentes de operários, apinhados na fábrica, são organizados de forma militar. São colocados como soldados rasos da indústria, sob o controle de uma hierarquia completa de suboficiais e de oficiais. Não são apenas os servos da classe burguesa, do Estado burguês; são, a cada dia, a cada hora, avassalados pela máquina, pelo fiscal, pelo próprio burguês industrial. Esse despotismo é tanto mais mesquinho, mais odioso, mais exasperante, quanto mais abertamente proclama que seu fim último é o lucro.

Quanto menos habilidade e força física o trabalho manual requer, mais a indústria moderna desenvolve-se, mais o trabalho dos homens é desalojado pelo das mulheres e das crianças. Diferenças de sexo e de idade já não têm valor social para a classe operária. Restam apenas instrumentos de trabalho, cujo custo varia em função da idade e do sexo.

Depois de ser suficientemente explorado para que se lhe paguem o salário em dinheiro líquido, o operário torna-se presa de outros

membros da burguesia – o proprietário, o comerciante, o penhorista, etc.

As pequenas classes médias antigas – pequenos industriais, comerciantes, os que vivem de rendas, artesãos e camponeses – precipitam-se no proletariado, quer porque seu pequeno capital já não basta para empreendimentos da grande indústria, sucumbindo à concorrência dos capitalistas maiores, quer porque sua habilidade desvalorizou-se em consequência de novos modos de produção. Assim, o proletariado é recrutado em todas as classes da população.

O proletariado passa por diversas etapas de desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com o nascimento.

Inicialmente operários entram em luta isoladamente; em seguida, operários de uma mesma fábrica; depois, operários de um setor industrial, em um mesmo local, contra um mesmo burguês, que os explora diretamente. Dirigem seus ataques não somente contra as relações burguesas de produção; dirigem-nos também contra os próprios instrumentos de produção; destroem as mercadorias estrangeiras concorrentes, quebram máquinas, incendeiam fábricas, procuram reconquistar a posição desaparecida do artesão medieval.

[PROG.
TRANS.]

DESENVOLVIMENTO DA LUTA
DO PROLETARIADO
(CONTINUA)

Nesse estágio, os operários formam uma massa dispersa em todo o país, dividida pela concorrência. A reunião expressiva dos operários ainda não é o resultado de sua própria união, mas da união da burguesia que, para atingir seus próprios objetivos políticos, deve mobilizar todo o proletariado e, no momento, ainda consegue fazê-lo. Portanto, nesse estágio os proletários não combatem seus inimigos, mas os inimigos de seus inimigos – remanescentes da monarquia absoluta, proprietários rurais, burgueses não industriais, pequeno-burgueses. Assim, todo o movimento histórico concentra-se nas mãos da burguesia. Cada vitória alcançada nessas condições é uma vitória da burguesia.

Mas, com a expansão da indústria, o proletariado não somente cresce; concentra-se em contingentes cada vez maiores; sua força cresce, com o sentimento que dela adquire. Os interesses, as condições de vida no seio do proletariado homogeneizam-se cada vez mais, à medida que o maquinismo oblitera as diferenças do trabalho e quase em toda a parte reduz os salários a um nível igualmente baixo. A concorrência crescente dos burgueses entre si e as crises comerciais que daí resultam tornam o salário dos operários sempre mais instável. O aperfeiçoamento incessante e sempre mais

rápido do maquinismo torna sua situação cada vez mais precária. Cada vez mais, conflitos isolados entre operários e burgueses assumem o caráter de conflitos entre duas classes. Os operários começam por formar coalizões contra os burgueses; unem-se para defender seu salário. Chegam até a fundar associações duradouras para se premunirem em caso de sublevações eventuais. Aqui e ali, a luta transforma-se em motins.

De vez em quando, os operários triunfam, mas sua vitória é passageira. O resultado verdadeiro de suas lutas não é o sucesso imediato, mas a extensão sempre maior da união dos operários. Esta é favorecida pelo crescimento dos meios de comunicação, criados pela grande indústria, que colocam em contato operários de diferentes localidades. Basta apenas esse contato para centralizar as inúmeras lutas locais – que têm em toda a parte o mesmo caráter – em uma luta nacional, em uma luta de classes. Mas toda luta de classes é uma luta política. E a união, que exigiu séculos dos burgueses da Idade Média, com seus caminhos vicinais, os proletários modernos realizam-na em poucos anos com as ferrovias.

Essa organização dos proletários em classe e, assim, em partido político, é rompida a

é a rev. social

MEIA DE
BURGUES;
JÁ NO REGIME
PROLETARIADO EXISTE JÁ NO REGIME
UNIAO) PODEROSOS

cada instante pela concorrência entre os próprios operários. Mas renasce sempre mais forte, sempre mais sólida, sempre mais poderosa. Aproveita-se das divisões internas da burguesia para forçá-la a reconhecer, sob forma de leis, certos interesses particulares dos operários. Por exemplo, a lei da jornada de dez horas na Inglaterra.

Em geral, os conflitos da velha sociedade favorecem, de várias maneiras, o desenvolvimento do proletariado. A burguesia vive engajada numa luta permanente: no início, contra a aristocracia; depois, contra setores da própria burguesia, cujos interesses entram em conflito com o progresso da indústria; e permanentemente, contra a burguesia de todos os países estrangeiros. Em todas essas lutas, vê-se contrangida a apelar para o proletariado, a pedir sua adesão e, desse modo, a impeli-lo para o movimento político. Portanto, ela própria fornece ao proletariado os elementos de sua própria formação, ou seja, armas contra si mesma.

Além disso, como vimos, em virtude do progresso da indústria, setores inteiros da classe dirigente proletarizam-se ou, pelo menos, sentem-se ameaçados em suas condições de vida. Estes também fornecem ao proletariado numerosos elementos de formação.

Enfim, nos momentos em que a luta de classe aproxima-se do auge, o processo de dissolução no interior da classe dirigente, no interior de toda a velha sociedade, assume um caráter tão violento, tão áspero, que uma pequena parte da classe dirigente desvincula-se desta e junta-se à classe revolucionária, à classe que tem o futuro nas mãos. Assim como outrora parte da nobreza passara para a burguesia, parte da burguesia passa agora para o proletariado, especialmente uma parte dos ideólogos burgueses que chegaram à compreensão teórica do conjunto do movimento histórico.

De todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, somente o proletariado é uma classe realmente revolucionária. As outras classes vão degenerando e tendem a desaparecer com o desenvolvimento da grande indústria, ao passo que o proletariado é o seu produto característico.

As classes médias – o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão, o camponês –, todos combatem a burguesia para preservar do desaparecimento sua existência como classes médias. Portanto, não são revolucionárias mas conservadoras. Mais ainda, são reacionárias, pois procuram girar a contrapelo a roda da História. Quando são revolucionárias, o são à luz da perspectiva iminente de sua pas-

CLASSES MÉDIAS: REACIONÁRIAS

sagem para o proletariado. Defendem não mais seus interesses presentes, mas seus interesses futuros; abandonam seu próprio ponto de vista para assumir o do proletariado.

O "lumpemproletariado", essa putrefação passiva das camadas mais baixas da velha sociedade, é aqui e ali arrebatado no movimento pela revolução proletária, mas toda a sua situação o predispõe a vender-se para maquinações reacionárias.

As condições de vida da velha sociedade já se encontram degeneradas nas condições de vida do proletariado. O proletário não possui nada; suas relações com a mulher e os filhos não têm nada mais em comum com as relações familiares burguesas. O trabalho industrial moderno, a submissão moderna ao capital – que é a mesma na Inglaterra e na França, na América e na Alemanha – despojaram-no de todo caráter nacional. As leis, a moral, a religião são, para ele, meros preconceitos burgueses, por intermédio dos quais se camuflam outros tantos interesses burgueses.

Todas as classes que precedentemente conquistaram a supremacia esforçaram-se para consolidar suas condições de vida, submetendo toda a sociedade a seu próprio modo de apropriação. Os proletários não podem assenhorear-se das

forças sociais de produção a não ser abolindo seu próprio modo de apropriação passado e, conseqüentemente, todo modo de apropriação do passado. Por sua vez, os proletários nada têm de seu a assegurar; têm, sim, que destruir todas as garantias privadas, todas as seguranças privadas que existiram até nossos dias.

Todos os movimentos anteriores foram tão-somente movimentos de minorias, ou no interesse de minorias. O movimento proletário é o movimento independente da imensa maioria no interesse da imensa maioria. O proletariado, a camada mais baixa da sociedade atual, não pode erguer-se, recuperar-se, sem estilhaçar toda a superestrutura de estratos que constituem a sociedade oficial.

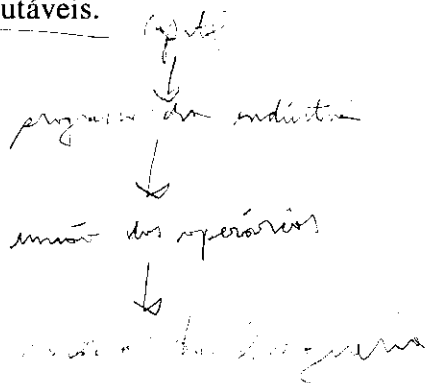
Pela forma e não pelo conteúdo, a luta do proletariado contra a burguesia é, em primeiro lugar, nacional. Evidentemente, o proletariado de cada país deve acertar as contas com sua própria burguesia.

Descrevendo as fases mais gerais do desenvolvimento do proletariado, seguimos a guerra civil mais ou menos latente no bojo da sociedade atual, até a hora em que ela irrompe em uma revolução aberta, e o proletariado lance as bases de sua dominação pela derrubada violenta da burguesia.

Até aqui todas as sociedades repousaram, como vimos, no antagonismo entre classes opressoras e oprimidas. Mas, para se oprimir uma classe, é necessário assegurar-lhe condições para que possa, no mínimo, prolongar sua existência servil. Sob o regime da servidão, o servo chegou a membro da comuna, tal como, sob o jugo do absolutismo feudal, o pequeno-burguês chegou a burguês. Por sua vez, o operário moderno, em vez de elevar-se com o progresso da indústria, decai cada vez mais, abaixo das condições de sua própria classe. O operário transforma-se em indigente, e a miséria cresce mais rápido do que a população e a riqueza. Evidencia-se assim, claramente, que a burguesia é incapaz de permanecer por mais tempo como classe dominante da sociedade e de impor-lhe, como lei e como regra, as condições de vida de sua classe. É incapaz de dominar, pois é incapaz de assegurar a seu escravo a própria existência no âmbito da escravidão, porquanto é compelida a precipitá-lo numa situação em que tem que alimentá-lo em vez de ser por ele alimentada. A sociedade não pode mais existir sob seu domínio, isto é, a existência da burguesia não é mais compatível com a sociedade.

A condição essencial da existência e da

supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos privadas, a formação e o incremento do capital. A condição de existência do capital é o trabalho assalariado. Este repousa exclusivamente na concorrência entre os operários. O progresso da indústria, de que a burguesia é o agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários resultante da concorrência, por sua união revolucionária em associação. Com o desenvolvimento da grande indústria, a burguesia vê ruir sob seus pés a base sobre a qual produz e apropria-se dos produtos. A burguesia produz, acima de tudo, seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inelutáveis.



II

PROLETÁRIOS E COMUNISTAS

Qual é a relação dos comunistas com os proletários em geral?

Os comunistas não são um partido à parte entre os outros partidos operários.

Seus interesses não são distintos dos interesses do conjunto do proletariado.

Não estabelecem princípios particulares, segundo os quais pretendam moldar o movimento proletário.

Os comunistas diferenciam-se dos outros partidos proletários apenas em dois pontos: de uma parte, nas diversas lutas nacionais dos proletários, fazem prevalecer os interesses comuns do conjunto do proletariado, independentes da nacionalidade; de outra parte, nos diversos estágios de desenvolvimento da luta entre proletariado e burguesia, representam sempre o interesse do movimento geral.

Portanto, na prática, os comunistas são a fração mais decidida, mais mobilizadora dos partidos operários de todos os países. Na teoria, têm, sobre o resto do proletariado, a vantagem de ter uma visão clara das condições, da

SOCIALISMO (sem princípios sobejantes)
à própria luta de classes real
marcha e dos resultados gerais do movimento
proletário.

O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo de todos os demais partidos proletários: formação do proletariado em classe, derubada da dominação burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.

As concepções teóricas dos comunistas não repousam, de forma alguma, em idéias, em princípios inventados ou descobertos por este ou por aquele reformador do mundo.

São apenas a expressão geral das relações efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se processa diante de nossos olhos. A supressão das relações de propriedade existentes até hoje não é, de forma alguma, o caráter distintivo exclusivo do comunismo.

Todas as relações de propriedade foram submetidas à contínua mudança da História, à sua contínua transformação.

A Revolução Francesa, por exemplo, aboliu a propriedade feudal em benefício da propriedade burguesa.

O que distingue o comunismo não é a supressão da propriedade em geral, mas a supressão da propriedade burguesa.

Ora, a moderna propriedade burguesa é a

última e mais consumada expressão da produção e da apropriação dos produtos baseadas em antagonismos de classe, na exploração de uns por outros.

Nesse sentido, os comunistas podem resumir suas teorias nesta única expressão: supressão da propriedade privada.

Nós, comunistas, temos sido criticados, sob a alegação de que queremos suprimir a propriedade pessoal adquirida pelo trabalho individual; a propriedade que constituiria o fundamento de toda a liberdade, de toda a atividade e de toda a independência pessoal.

A propriedade, fruto do trabalho, do esforço, do mérito pessoal! Será que se está falando da propriedade do pequeno-burguês, do pequeno camponês, forma de propriedade que precedeu a propriedade burguesa? Não precisamos suprimi-la; o desenvolvimento da indústria suprimiu-a e continua suprimindo-a diariamente.

Ou então está-se falando da moderna propriedade privada burguesa?

Mas será que o trabalho assalariado, o trabalho do proletário possibilita-lhe criar alguma propriedade? De forma alguma. Cria o capital, isto é, a propriedade que explora o trabalho assalariado e que só pode aumentar se ge-

ABOLIÇÃO DA
PROPRIEDADE
BURGUESA

rar trabalho assalariado suplementar, para explorá-lo de novo. A propriedade, na sua forma atual, gravita em torno da oposição entre capital e trabalho assalariado. Examinemos os dois termos dessa oposição.

Ser capitalista significa ocupar na produção uma posição não somente pessoal, mas também social. O capital é um produto coletivo e só pode ser mobilizado pela atividade comum de inúmeros membros e, em última instância, apenas pela atividade de todos os membros da sociedade.

Portanto, o capital não é uma força pessoal. É uma força social.

Assim, quando o capital é transformado em uma propriedade coletiva, pertencendo a todos os membros da sociedade, não é uma propriedade pessoal que se transforma em propriedade social. É apenas o caráter social da propriedade que se transforma. Esta perde seu caráter de classe.

Vejamos o trabalho assalariado.

O preço médio do trabalho assalariado é o salário mínimo, isto é, a soma dos meios de subsistência necessários para manter vivo o operário enquanto tal. O que o operário assalariado obtém por sua atividade é o estritamente necessário para garantir-lhe a sobrevivência.

CAPITAL JÁ É UMA FORÇA SOCIAL:

MAS DE CLASSE; TRATA-SE DE SUPRIMIR 49
SEU CARÁTER DE CLASSE

Não queremos, de forma alguma, suprimir essa ~~apropriação pessoal dos produtos do trabalho,~~ necessários à reprodução da vida imediata, ~~apropriação que não deixa nenhum benefício líquido que confira um poder sobre o trabalho~~ alheio. Queremos apenas suprimir o caráter miserável dessa apropriação, em que o operário só vive para aumentar o capital e só vive enquanto o exigem os interesses da classe dominante.

Na sociedade burguesa, o trabalho vivo é apenas um meio para multiplicar o trabalho acumulado. Na sociedade comunista, o trabalho acumulado é apenas um meio para aumentar, enriquecer, fazer avançar a existência dos operários.

~~Na sociedade burguesa, o passado domina o presente; na comunista, o presente domina o passado. Na sociedade burguesa, o capital é independente e pessoal, ao passo que o indivíduo ativo não tem nem independência nem personalidade.~~

~~A supressão dessas relações, a burguesia~~ chama de supressão da personalidade e da liberdade! Com razão. Trata-se efetivamente da supressão da personalidade, da independência e da liberdade burguesas.

No bojo das atuais relações de produção

SOC. BURGUESA

X

SOC. COMUNISTA

burguesas, por liberdade entende-se a liberdade de comércio, a liberdade de compra e de venda.

Mas se o comércio cessa, então cessa também o comércio livre. O palavreado sobre a liberdade de comércio, como todos os outros palavrórios de nossa burguesia sobre a liberdade, só têm sentido em face do comércio entravado, em face do burguês subjugado da Idade Média, mas não diante da supressão comunista do comércio, das relações de produção burguesas e da própria burguesia.

~~Revoltai-vos por querermos suprimir a propriedade privada. Mas, em vossa sociedade atual, a propriedade privada está abolida para nove décimos de seus membros. Ela existe precisamente porque não existe para nove décimos de seus membros. Criticai-nos por querermos suprimir uma propriedade que pressupõe, como condição necessária, que a imensa maioria da sociedade seja desprovida de toda propriedade.~~

Em uma palavra, criticai-nos por querermos suprimir vossa propriedade. Efetivamente, é isso que queremos.

A partir do momento em que o trabalho não pode mais ser transformado em capital, em dinheiro, em renda fundiária, em resumo, em

A SOC. BURGUESA JÁ ABOLIU A
PROPRIEDADE P/ 90% DE SEUS MEMBROS

51

um poder social suscetível de ser monopolizado, isto é, a partir do momento em que a propriedade pessoal não pode mais converter-se em propriedade burguesa, a partir desse instante, declarais que a individualidade está abolida.

Portanto, confessais que, por indivíduo, não entendeis nada mais do que o burguês, o proprietário burguês. Efetivamente, semelhante indivíduo deve ser suprimido.

O comunismo não retira de ninguém o poder de assenhorear-se dos produtos sociais; apenas retira o poder de se subjugar, por tal apropriação, o trabalho alheio.

Tem-se objetado que, com a supressão da propriedade privada, cessaria toda a atividade e se instalaria um ócio generalizado.

Nesse caso, já há muito tempo a sociedade burguesa teria perecido em virtude do ócio; pois os que nela trabalham não ganham e os que ganham não trabalham. Toda essa objeção reduz-se à tautologia: não haverá mais trabalho assalariado quando não mais existir capital.

Todas as críticas feitas ao modo comunista de apropriação e de produção dos produtos materiais foram estendidas à apropriação e à produção dos produtos intelectuais. Da mesma forma que, para o burguês, a supressão da propriedade de classe equivale à supressão da

própria produção, a supressão da cultura de classe corresponde, para ele, à supressão da cultura em geral.

A cultura cuja perda o burguês deplora é, para a imensa maioria dos homens, a sua transformação em máquinas.

Mas não nos recrimineis medindo a supressão da propriedade privada por vossas idéias burguesas de liberdade, de cultura, de direito, etc. Vossas idéias são o produto de relações burguesas de produção e de propriedade, da mesma forma que vosso direito é apenas a vontade de vossa classe erigida em lei, vontade cujo conteúdo é determinado pelas condições materiais de vida de vossa classe.

A concepção interesseira, pela qual transformais em leis eternas da natureza e da razão vossas relações de produção e de propriedade, a partir de relações históricas, ultrapassadas no curso da produção, a compartilhaiis com todas as classes dominantes já desaparecidas. Aquilo que concebeis para a propriedade antiga, aquilo que concebeis para a propriedade feudal, não deveis mais conceber para a propriedade burguesa.

Supressão da família! Até os mais radicais indignam-se com essa perigosa proposta dos comunistas.

SUPRESSÃO DA
FAMÍLIA

No que repousa a família atual, a família burguesa? No capital, no lucro privado. A família, em sua plenitude, existe apenas para a burguesia; mas encontra seu complemento na ausência forçada de família, imposta aos proletários, e na prostituição pública.

A família do burguês desmorona evidentemente com o desmoronamento de seu complemento, e ambas desaparecem com o desaparecimento do capital.

Recriminai-nos por querermos suprimir a exploração das crianças pelos pais? Efetivamente, denunciemos esse crime.

Mas dizeis que suprimimos as relações mais íntimas substituindo a educação familiar pela educação social.

Mas também vossa educação não está determinada pela sociedade? Pelas relações sociais em que a realizais, pela intromissão direta ou não da sociedade pelo viés da escola, etc.? Os comunistas não inventam a ação da sociedade sobre a educação; apenas modificam-lhe o caráter, subtraindo a educação da influência da classe dominante.

O palavreado burguês sobre a família e a educação, sobre a intimidade das relações entre pais e filhos torna-se tanto mais repugnante quanto mais a grande indústria dilacera cada

EDUCAÇÃO SOCIAL

vez mais os laços familiares dos proletários e
transforma as crianças em simples objetos de
comércio e em instrumentos de trabalho.

“Mas vós, comunistas, quereis introduzir
a comunidade das mulheres”, grita em unísso-
no toda a burguesia.

O burguês vê em sua mulher um mero
instrumento de produção. Ouve dizer que os
instrumentos de produção serão explorados co-
letivamente e, naturalmente, só pode concluir
que a sina das mulheres é serem colocadas em
comum.

Não imagina que se trata precisamente de
suprimir, para as mulheres, o estatuto de me-
ros instrumentos de produção.

Aliás, não há nada mais ridículo do que
essa indignação profundamente moral de nos-
sos burgueses contra a comunidade das mu-
lheres oficialmente instaurada pelo comunis-
mo. Os comunistas não precisam introduzir a
comunidade de mulheres; esta quase sempre
existiu.

Nossos burgueses, não contentes com o
fato de que mulheres e filhas de proletários
estejam à sua disposição, para não falar da pros-
tituição oficial, têm o maior prazer em seduzir
as mulheres legítimas uns dos outros.

Na realidade, o casamento burguês é a

COMUNIDADE DAS
MULHERES

comunidade das mulheres casadas. No máximo, poder-se-ia recriminar os comunistas por quererem substituir uma comunidade de mulheres hipócrita e dissimulada por uma comunidade oficial e franca. Aliás, é óbvio que, com a supressão das atuais relações de produção, desaparece também a comunidade de mulheres dela resultante, isto é, a prostituição oficial e não-oficial.

Além disso, os comunistas foram recriminados por quererem suprimir a pátria, a nacionalidade.

Os operários não têm pátria. Não se lhes pode tirar o que não têm. À medida que o proletariado deve primeiramente conquistar, em seu benefício, o poder político, erigir-se em classe nacional e constituir-se a si mesmo como nação, ele continua sendo nacional, mas nunca no sentido burguês do termo.

As fronteiras nacionais e os antagonismos entre os povos tendem cada vez mais a desaparecer, com o desenvolvimento da burguesia, com o livre comércio, com o mercado mundial, com a uniformização da produção industrial e com as condições de vida correspondentes.

Com a supremacia do proletariado, desaparecerão ainda mais depressa. A unidade de ação do proletariado, pelo menos nos países

civilizados, é uma das primeiras condições de sua emancipação.

À medida que se suprime a exploração de um indivíduo por outro, suprime-se igualmente a exploração de uma nação por outra.

Desaparecendo o antagonismo de classes no interior de uma nação, desaparece igualmente a hostilidade entre as nações.

As acusações levantadas contra o comunismo, em nome de princípios religiosos, filosóficos e ideológicos, não merecem exame detalhado.

Será necessário um exame mais profundo para compreender que, ao mudarem as relações de vida dos homens, suas relações sociais, sua existência social, mudam também suas representações, suas opiniões e suas idéias, em suma, sua consciência?

O que demonstra a história das idéias senão que a produção espiritual se modifica com a transformação da produção material? As idéias dominantes de uma época sempre foram as idéias da classe dominante.

Quando se fala de idéias que revolucionam uma sociedade inteira, exprime-se com isso apenas o fato de que, no âmago da antiga sociedade, se engendraram os elementos de uma nova sociedade e que a dissolução das idéias

RELIGIOSA / "PRODUÇÃO
ESPIRITUAL"

antigas acompanha a dissolução das antigas relações sociais.

Quando o mundo antigo iniciou seu declínio, as religiões antigas foram suplantadas pela religião cristã. Quando as idéias cristãs sucumbiram, no século XVIII, às idéias das Luzes, a sociedade feudal travava seu combate mortal contra a burguesia então revolucionária.

As idéias de liberdade de consciência e de religião exprimiam apenas, no domínio do saber, o reino da livre concorrência.

Dir-se-á: "Idéias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas, etc. modificaram-se no curso do desenvolvimento histórico. A religião, a moral, a filosofia, a política e o direito mantiveram-se constantes no bojo dessa mudança. Além disso, há verdades eternas, como Liberdade, Justiça, etc., que são comuns a todos os regimes sociais. Mas o comunismo abole as verdades eternas, abole a religião e a moral em vez de lhes conferir nova forma; portanto, contradiz todos os desenvolvimentos históricos ocorridos até hoje".

A que se reduz essa acusação? A história de toda a sociedade até hoje gira em torno de oposições de classe, que assumiram diversas formas nas diferentes épocas.

Mas, qualquer que tenha sido a forma as-

sumida, a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos passados.

Portanto, não é de se admirar que a consciência social de todos os séculos, apesar de toda a multiplicidade e de toda a diversidade, gravite em torno de certas formas comuns, em formas de consciência, que só se dissolvem completamente com o desaparecimento total do antagonismo de classe.

A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais de propriedade. Não admira que, no curso de seu desenvolvimento, rompa radicalmente com as idéias tradicionais.

Mas deixemos aqui as objeções da burguesia ao comunismo.

Vimos anteriormente que o primeiro passo da revolução operária será a ascensão do proletariado à classe dominante e à luta pela democracia.

O proletariado utilizará seu poder político para arrancar pouco a pouco todo o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar, o mais rapidamente possível, o contingente das forças de produção.

^{certas}
[FORMAS DE CONSCIÊNCIA
COMUNS A TODAS AS SOCIEDADES DE
CLASSE (RELIGIÃO, MORAL, FILOSOFIA, POLÍTICA, DIREITO...)
"LIBERDADE" E "JUSTIÇA" COMO VERDADES ETERNAS]

Naturalmente isso só pode acontecer, de início, mediante intervenções despóticas no direito de propriedade e nas relações de produção burguesas, isto é, através de medidas que parecem economicamente insuficientes e insustentáveis, mas que se superam a si próprias no desenrolar do movimento, e são indispensáveis para revolucionar todo o modo de produção.

Certamente essas medidas diferirão nos diferentes países.

Entretanto, no que toca aos países mais desenvolvidos, de um modo geral podem-se aplicar as medidas seguintes:

1. Expropriação da propriedade fundiária e utilização da renda resultante para as despesas do Estado;

2. Imposto acentuadamente progressivo;

3. Supressão do direito de herança;

4. Confisco da propriedade de todos os emigrantes e rebeldes;

5. Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional com capital estatal e monopólio exclusivo;

6. Centralização de todos os meios de transporte nas mãos do Estado;

PROGRAMA DE REIVINDICAÇÕES

60

(REAPARECEM "DIALETIZADAS" NA PROG. TRANSIÇÃO,
EM CIMA DA PRÁTICA DA REV. RUSSA - SUPERACÃO
DA SEPARAÇÃO ECONÔMICO-POLÍTICO NO MOV. OPERÁRIO
MÍNIMO - MÁXIMO)

7. Multiplicação das indústrias nacionais, dos instrumentos de produção, desbravamento e melhora das terras, de acordo com um plano coletivo: PROB. TRANS. OBRAS PÚBLICAS SEGUNDO PLANO

8. Obrigatoriedade do trabalho para todos, organização de exércitos industriais, em especial para a agricultura; ESC. MOBIL.

9. Combinação do trabalho agrícola e do trabalho industrial, medidas para a eliminação gradual da oposição entre cidade e campo;

10. Educação pública e gratuita para todas as crianças. Supressão do trabalho infantil em fábricas, em sua forma atual. Combinação da educação com a produção material, etc.

Uma vez que desaparecerem as diferenças de classe no curso do desenvolvimento, e toda a produção concentrar-se nas mãos de indivíduos associados, o poder público perderá seu caráter político. Em sentido próprio, o poder público é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra. Se o proletariado, em sua luta contra a burguesia deve necessariamente unificar-se em uma classe única, se, em decorrência de uma revolução, ele se converte em classe dominante; e como classe dominan-

NA
NOÇÃO CLASSISTA DE "POLÍTICA": INTERESSE
COLETIVO E ORDEM O INTERESSE 61
PRIVADO: CAPITALISMO ESTANCAR O CARÁTER
IDEOLOGICO DESTA CONCEPÇÃO DE "POLÍTICA"

te, suprimir pela violência as antigas relações de produção, suprimirá automaticamente, juntamente com essas relações de produção, as condições de existência da oposição de classe e, por esse viés, as classes em geral e, com isso, sua própria dominação de classe.

No lugar da antiga sociedade burguesa com suas classes e oposições de classe surge uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.

III

LITERATURA SOCIALISTA E COMUNISTA

1. O SOCIALISMO REACIONÁRIO

a) O socialismo feudal [ataque da aristocracia contra a burguesia, pondo-se em nome da classe operária]

Por sua posição histórica, as aristocracias francesa e inglesa estavam fadadas a escrever libelos contra a sociedade burguesa moderna. Na revolução francesa de julho de 1830, no movimento reformador inglês sucumbiram, uma vez mais, à arrivista odiada. Já não podiam travar uma luta política séria. Restava-lhes apenas a luta literária. Mas, também no plano literário, a velha fraseologia do tempo da Restauração se tornara impossível. Para angariar simpatia, a aristocracia devia fingir que perdia de vista seus próprios interesses, e formulava sua acusação contra a burguesia apenas no interesse da classe operária explorada. Portanto, arrogou-se o direito de zombar, em canções, de seu novo amo e murmurar-lhe ao ouvido profecias carregadas de ameaças.

Assim nasceu o socialismo feudal, metade lamento, metade panfleto, metade eco do passado, metade ameaça do futuro, por vezes

acertando a burguesia no alvo, mediante uma condenação amarga, espiritualmente mordaz, mas sempre ridícula, por sua total incapacidade de compreender a marcha da História moderna.

Empunharam, à guisa de bandeira, a trouxa de mendigo do proletário, para conclamar o povo à sua volta. Mas todas as vezes que este dispunha-se a segui-las, divisava-lhes nas costas os velhos brasões feudais e então se dispersava com gargalhadas insolentes.

Uma parte dos Legitimistas franceses e a
--> Jovem Inglaterra brilharam nesse espetáculo.

Quando os senhores feudais demonstram que seu modo de exploração era diferente do modo de exploração burguesa, esquecem-se simplesmente que exploravam em condições e circunstâncias completamente diferentes e já caducas. Quando provam que, sob sua dominação, o proletariado moderno não existia, esquecem-se simplesmente que a burguesia moderna é justamente um rebento necessário de sua ordem social.

Aliás, dissimulam tão mal o caráter reacionário de sua crítica, que sua acusação principal contra a burguesia repousa precisamente no fato que, sob o regime desta, desenvolveu-se uma classe que vai estilhaçar toda a antiga ordem social.



Criticam a burguesia mais por ter engendrado um proletariado revolucionário, do que por ter simplesmente dado origem ao proletariado.

Eis por que, em sua prática política, participam de todas as medidas repressivas contra a classe operária e, na vida corrente, contentam-se, apesar de toda a fraseologia pomposa, em recolher os pomos de ouro de árvore da indústria e em cambiar fidelidade, amor e honra pelo comércio de lã, beterraba e álcool.⁴

Da mesma forma que os padres sempre ~~caminharam de mãos dadas com os senhores feudais, o socialismo clerical caminha lado a lado com o socialismo feudal.~~

Nada é mais fácil do que dar ao ascetismo cristão um verniz socialista. Também o cristianismo não se elevou contra a propriedade privada, contra o casamento, contra o Estado? Não pregou em seu lugar a caridade, a mendicância, o celibato, a mortificação da carne, a vida

MST?
PASTOR DA TERRA?

⁴ Isso aplica-se principalmente à Alemanha, onde a aristocracia rural e a fidalguia provincial têm grande parte de suas propriedades cultivadas por conta própria, mediante um administrador, e são, além disso, grandes produtores de açúcar de beterraba e destiladores de aguardente de batata. A aristocracia inglesa, mais abastada, não decaiu tanto; mas também sabe como se pode compensar o declínio da renda, emprestando o nome a promotores de sociedades acionárias mais ou menos suspeitas. (Nota de Engels à edição inglesa de 1888.)

monástica e a Igreja? O socialismo cristão é apenas a água benta com que o padre consagra o rancor dos aristocratas.

b. O socialismo pequeno-burguês MST

A aristocracia não é a única classe derrubada pela burguesia, não é a única classe cujas condições de vida na sociedade burguesa moderna se deterioraram e decaíram. Os cidadãos extramuros da Idade Média e os pequenos camponeses foram os precursores da burguesia moderna. Nos países onde o comércio e a indústria são menos desenvolvidos, essa classe continua a vegetar ao lado da burguesia ascendente.

Nos países onde a civilização moderna se desenvolveu, formou-se uma nova pequena burguesia que oscila entre o proletariado e a burguesia; essa nova burguesia incessantemente se reconstitui como parte complementar da sociedade burguesa, mas seus membros são continuamente relegados ao proletariado em função da concorrência. Estes pressentem que se aproxima o momento em que, com o desenvolvimento da grande indústria, desaparecerão totalmente como parte autônoma da sociedade moderna e serão substituídos no comércio, na manufatura, na agricultura, por contramestres e subalternos.

PEQ. BURGUESIA ADVINDA DO

66 CAPIT. : "PARTE COMPLEMENTAR DA SOC. BURGUESA"

ANTIGA CASTE "MÉDIA", CIDADÃOS EXTRAMUROS E CAMPONESES

Em países como o França, onde a classe camponesa constitui mais da metade da população, era natural que os escritores que apoiassem o proletariado contra a burguesia criticassem o regime burguês baseados em critérios da pequena burguesia e do pequeno campesinato e tomassem o partido dos operários de um ponto de vista pequeno-burguês. Assim formou-se o socialismo pequeno-burguês. Sismondi é o chefe dessa literatura, não somente na França, mas também na Inglaterra.

~~Esse socialismo analisou com a maior acuidade as contradições das relações de produção.~~ Desmascarou os artifícios hipócritas dos economistas. Demonstrou, de maneira cabal, os efeitos destrutivos do maquinismo e da divisão do trabalho, a concentração dos capitais e da propriedade fundiária, a superprodução, as crises, o declínio inevitável dos pequeno-burgueses e dos pequenos camponeses, a miséria do proletariado, a anarquia na produção, a desproporção gritante na distribuição das riquezas, as guerras de extermínio industrial entre as nações, a dissolução dos costumes antigos, das relações familiares antigas, das nacionalidades antigas.

Entretanto, em seu conteúdo positivo, esse socialismo quer seja restaurar os antigos mei-

PARTE NEGATIVA = DESSE
SOCIALISMO

os de produção e de comércio e, com eles, as antigas relações de propriedade e a antiga sociedade, seja enclausurar novamente, pela força, os modernos meios de produção e de comércio no âmbito das antigas relações de propriedade que eles romperam, que foram obrigados a romper. Em ambos os casos, esse socialismo é ~~inimicavelmente reacionário e utópico.~~

Sistema corporativo nas fábricas e sistema patriarcal no campo são suas últimas pala-

Em seu documento anterior, essa tendência dissipou-se numa ressaca covarde.

c) O socialismo alemão ou “verdadeiro”

A literatura socialista e comunista francesa, gerada sob a opressão de uma burguesia dominante, expressão literária da luta contra essa dominação, foi introduzida na Alemanha precisamente no momento em que a burguesia deflagrava sua luta contra o absolutismo feudal.

Filósofos, semifilósofos e belos espíritos alemães apropriaram-se avidamente dessa literatura, esquecendo-se de que a emigração desses escritos não se acompanhou da emigração das condições de vida francesas para a Alemanha. À luz das condições alemãs, a lite-

KANT, SERIA ????
UM SOCIALISTA "VERDADEIRO" ???
ratura francesa perdia toda a sua significação
imediatamente prática, e assumia um caráter
puramente literário. Aparecia forçosamente co-
mo uma especulação ociosa sobre a verdade-
ra sociedade, sobre a realização da natureza
humana. Assim, para os filósofos alemães do
século XVIII, as reivindicações da primeira
Revolução Francesa tinham apenas o sentido
de reivindicações da "razão prática" em geral, KANT?
e a manifestação da vontade da burguesia re-
volucionária francesa significava, a seus olhos,
apenas as leis da vontade pura, tal como deve
ser, da vontade verdadeiramente humana.

O trabalho dos literatos alemães consis-
tiu exclusivamente em colocar as novas idéias
no diapasão de sua velha consciência filosófi-
ca, ou antes em apropriar-se das idéias france-
sas partindo de seu próprio ponto de vista filo-
sófico.

Essa apropriação ocorreu da mesma for-
ma que, em geral, se apropria de uma língua
estrangeira: pela tradução.

Sabe-se que os monges recobriram os
manuscritos em que se consignavam as obras
clássicas da antiguidade pagã com hagiografias
insípidas de santos católicos. Os literatos ale-
mães procederam de forma inversa com a lite-
ratura francesa profana. Escreveram seus ab-

surdos filosóficos sob o original francês. Por exemplo, sob a crítica francesa às relações monetárias, escreveram: “alienação da natureza humana” e, sob a crítica francesa ao Estado burguês, escreveram “supressão da dominação do Universal abstrato”, etc.

A substituição dos argumentos franceses por essa fraseologia filosófica, batizaram eles de “filosofia da ação”, “socialismo verdadeiro”, “ciência alemã do socialismo”, “justificação filosófica do socialismo”, etc.

Assim, a literatura socialista e comunista francesa foi formalmente amputada. E como, nas mãos do Alemão, deixou de exprimir a luta de uma classe contra outra, o Alemão ficou convencido de ter superado a “estreiteza francesa” e de representar, em vez das verdadeiras necessidades, a necessidade da verdade; em vez dos interesses dos proletários, os interesses da natureza humana, do homem em geral, do homem que não pertence a nenhuma classe, que nem sequer pertence à realidade, mas somente ao céu brumoso da fantasia filosófica.

Esse socialismo alemão, que levava tão a sério e tão solenemente seus canhestros exercícios escolares e alardeava-os com tanto charlatanismo, perdeu aos poucos sua pedante inocência.

A luta da burguesia alemã, principalmente da burguesia prussiana, contra os senhores feudais e contra a monarquia absoluta – em uma palavra, o movimento liberal – tornou-se mais séria.

Oferecia-se ao “verdadeiro” socialismo a tão desejada ocasião de brandir, perante o movimento político, as reivindicações socialistas; de lançar os anátemas tradicionais contra o liberalismo, contra o Estado representativo, contra a concorrência burguesa, a liberdade burguesa de imprensa, o direito burguês, a liberdade e a igualdade burguesas, e de pregar às massas populares que nada tinham a ganhar, mas sim *tudo* a perder nesse movimento burguês. O socialismo alemão esquecia, muito a propósito, que a crítica francesa – do qual era o eco deslavado – pressupunha a sociedade burguesa moderna com as correspondentes condições materiais de vida e a adequada constituição política, pressupostos estes que se tratava ainda de conquistar na Alemanha.

Esse socialismo servia aos governos absolutos alemães, com seu cortejo de padres, de mestres-escolas, de fidalgotes e de burocratas, como espantalho ideal contra a burguesia cujas aspirações eram ameaçadoras.

Era a guloseima que complementava o

amargor das chicotadas e das balas de fuzil com que esses mesmos governos respondiam às insurreições dos operários alemães.

Se o “verdadeiro” socialismo tornou-se, assim, uma arma nas mãos dos governos contra a burguesia alemã, representava também, diretamente, um interesse reacionário, o interesse dos pequeno-burgueses alemães. Na Alemanha, a pequena burguesia, tributária do século XVI, e que desde então não cessa de emergir sob diversas formas, constitui a verdadeira base social da ordem estabelecida.

Mantê-la significa manter a ordem estabelecida na Alemanha. A supremacia industrial e política da burguesia engendra na pequena burguesia o temor do declínio inexorável, de um lado pela concentração do capital, de outro, pela ascensão de um proletariado revolucionário. Aos pequeno-burgueses, o “verdadeiro” socialismo pareceu matar dois coelhos com uma cajadada só. Propagou-se como uma epidemia.

A roupa, teia de aranha tecida de especulações, bordada com as belas flores da retórica, impregnada de orvalho sentimental, carregada de amor, essa roupagem, de uma exuberância toda espiritual, com que os socialistas alemães vestiram todas suas “verdades eternas”

raras e desencarnadas, só fez aumentar o escoamento de sua mercadoria para esse público.

Por sua vez, o socialismo alemão reconhecia cada vez mais sua vocação: grandiloquente representante dessa pequena burguesia.

Ele proclamou como modelo a nação alemã e o pequeno-burguês alemão. Atribuiu a todas as infâmias deste um sentido oculto, superior, socialista, que significava o seu oposto. Foi conseqüente até o fim ao opor-se diretamente à tendência "brutalmente destrutiva" do comunismo e ao assinalar que pairava com imparcialidade acima de todas as lutas de classe. Com raríssimas exceções, tudo o que circula na Alemanha como escritos pretensamente socialistas e comunistas pertence ao âmbito dessa literatura suja e debilitante.⁵

2. O SOCIALISMO CONSERVADOR OU BURGUÊS

COMTE? [MARX FALA DE PROUDHON]

Uma parte da burguesia deseja remediar as anomalias sociais, a fim de garantir a manutenção da sociedade burguesa.

Pertencem a essa fração: economistas, fi-

⁵ A tempestade revolucionária de 1848 varreu toda essa tendência sórdida e tirou de seus representantes a vontade de continuar a brincar de socialismo. O representante principal e o tipo clássico dessa tendência é Karl Grün. (Nota de Engels à edição alemã de 1890.)

lantropos, humanitários, agentes melhoradores da situação das classes trabalhadoras, organizadores de obras beneficentes, protetores de animais, fundadores de ligas antialcoólicas, reformadores ocasionais os mais diversos.

Citemos, por exemplo, a *Filosofia da miséria*, de Proudhon.

Os burgueses socialistas almejam as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e perigos necessariamente decorrentes. Almejam a sociedade atual, eliminando, porém, os elementos de revolução e de dissolução. Almejam a burguesia sem o proletariado. Evidentemente, a burguesia concebe o mundo onde reina como o melhor dos mundos. O socialismo burguês elabora essa representação consoladora em sistemas mais ou menos completos. Quando exorta o proletariado a realizar esses sistemas para entrar na nova Jerusalém, no fundo exige somente que este se limite à atual sociedade, renunciando às representações odiosas que dela faz.

Uma segunda forma, menos sistemática e mais prática, desse socialismo procurou inspirar à classe operária desdém por todo movimento revolucionário, demonstrando-lhe que aquilo que lhe pode ser útil não é esta ou aquela mudança política, mas somente uma mudan-

DESENVOLVIMENTISMO?

74 ("DESENVOLVER O BRASIL", "50 ANOS EM 5")
[MEMEYER E A DRQ. MODERNA CAPTURADOS EM
MEIO A ISSO, SEM LIGAÇÃO COM MOV. PROPRÍATE REVOLUC-
PROBR]

ça das condições materiais de vida, das condições econômicas. Mas, por mudança das condições materiais de vida, esse socialismo não entende, de forma alguma, a supressão das relações burguesas de produção – que só é possível pela via revolucionária –, mas reformas administrativas que se realizam com base nessas relações de produção, portanto, que nada alteram na relação entre capital e trabalho assalariado, mas, no melhor dos casos, reduzem para a burguesia o ônus de sua dominação e simplificam-lhe o orçamento de Estado.

O socialismo burguês só atinge sua expressão adequada quando se torna uma simples figura retórica.

Livre comércio, no interesse da classe trabalhadora! Tarifas protecionistas, no interesse da classe trabalhadora! Prisão celular, no interesse da classe trabalhadora!: eis as últimas palavras do socialismo burguês, as únicas ditas a sério.

O socialismo da burguesia consiste precisamente na afirmação que os burgueses são burgueses no interesse da classe trabalhadora.

NO INTERESSE DA CLASSE TRABALHADORA!!!
REFORMA TRABALHISTA, (EM NOME) DA CLASSE TRABALHADORA!!!

HOJE O PT! (MENOS SISTEMÁTICO DO JK) (POLÍTICAS PÚBLICAS, VALORES REPUBLICANOS, CINEMA NACIONAL) REFORMAS TRABALHISTAS!! JUSTIÇA ETERNA DO PROLETARIADO

— NO CASO DA DITADURA, A PROMOÇÃO DA CASA PROPRIÁRIA BNA

SOCIALISMO UTOPICO DAS CONCEPÇÕES ESTÉTICAS EM MEIO AO SOCIALISMO BURGUEZ DO (DESEJO) DESENVOLVIMENTISMO DE JK? E TB DOS MILITARES

3. O SOCIALISMO E O COMUNISMO CRÍTICO-UTÓPICOS

E O LE CORBU ?

Não falamos aqui da literatura que, em todas as grandes revoluções modernas, exprime as reivindicações do proletariado (escritos de Babeuf, etc.).

As primeiras tentativas do proletariado para impor diretamente seu próprio interesse de classe, levadas a cabo em tempos de efervescência geral, no período de colapso da sociedade feudal, ~~fracassaram necessariamente em razão da forma embrionária do proletariado e da ausência das condições materiais para~~ sua emancipação, condições que surgem apenas como produto da época burguesa. A literatura revolucionária que acompanhou esses primeiros movimentos do proletariado é, pelo conteúdo, necessariamente reacionária. Prega um ascetismo geral e um igualitarismo grosseiro.

Os sistemas socialistas e comunistas propriamente ditos, os sistemas de Saint-Simon, de Fourier, de Owen, etc. surgem no período embrionário da luta entre o proletariado e a burguesia, como expusemos anteriormente (ver Burgueses e proletários).

Na realidade, os fundadores desses sistemas discernem a oposição de classes, assim como a eficácia dos elementos de dissolução presentes na própria sociedade dominante. Mas não discernem no proletariado nenhuma espontaneidade histórica, nenhum movimento político que lhe seja próprio.

Como o desenvolvimento da oposição de classe acompanha o desenvolvimento da indústria, constataam as condições materiais insatisfatórias para a emancipação do proletariado e põem-se à procura de uma ciência social, de uma ciência para criar essas condições.

A atividade social deve dar lugar à sua atividade inventiva pessoal; as condições históricas da emancipação às condições fantasiosas; a organização progressiva do proletariado em classe a uma organização social mentada por eles próprios. A história futura do mundo resume-se, para eles, na propaganda e na implementação de seus planos de sociedade.

Não resta dúvida de que estão convictos de defender, em seus planos, principalmente o interesse da classe trabalhadora enquanto classe mais sofredora. O proletariado não existe para eles senão sob o aspecto de classe mais sofredora.

Mas a forma embrionária da luta de clas-

DEVEMOS FAZER O CAMINHO INVERSO, HOJE, PARTINDO DA ARQ.
MODERNA: DE SISTEMA SOCIAL FANTASIOSO, A ORGANIZAÇÃO DO PROLE-
TARIADO EM 7ª CLASSE, A-PROGRESSIVA E (PROJETO POLÍTICO) DA AMÉRICA

JP AMÉRICA: "MOVIMENTAÇÃO CRÍTICA,
POLÍTICA. NOSSO DESENHO DEVE LANÇAR-SE
A ESSA CONDIÇÃO."

ses, assim como sua própria situação social, levam-nos a considerarem-se muito acima desse antagonismo de classe. Querem melhorar a situação de todos os membros da sociedade, mesmo a dos mais favorecidos. Assim, apelam constantemente para o conjunto da sociedade sem distinção, e de preferência à classe dominante. Com efeito, basta compreender o sistema deles para nele reconhecer o melhor plano possível para a melhor sociedade possível.

Eis por que rejeitam toda ação política, principalmente toda ação revolucionária. Querem atingir seu objetivo mediante vias pacíficas e tentam, pela força do exemplo, desbravar caminho para um novo evangelho social mediante experiências em pequena escala, evidentemente fadadas ao fracasso.

Essa descrição mirabolante da sociedade futura – feita num momento em que o proletariado ainda encontra-se totalmente embrionário e, conseqüentemente, tem ainda uma representação fantasiosa de sua própria situação – nasce da primeira aspiração instintiva dos fundadores desses sistemas a uma transformação geral da sociedade.

Mas esses escritos socialistas e comunistas comportam igualmente elementos críticos. Atacam todos os fundamentos da sociedade

estabelecida. Por isso, produziram um material de extremo valor para abrir a mente dos operários. Suas proposições positivas sobre a sociedade futura – por exemplo, a supressão do antagonismo cidade/campo, da família, do lucro privado, do trabalho assalariado, o anúncio da harmonia social, a transformação do Estado em simples administrador da produção –, todas essas proposições exprimem simplesmente o desaparecimento do antagonismo de classe, que só agora começa a desenvolver-se, e que esses autores conhecem tão-somente em suas primeiras formas imprecisas e indeterminadas. Essas proposições têm ainda um sentido puramente utópico.

O alcance do socialismo e do comunismo crítico-utópicos é inversamente proporcional ao desenvolvimento histórico. À medida que a luta de classes se desenvolve e se configura, a fantasia de pairar acima da própria luta, de combatê-la, perde todo valor prático, toda justificação teórica. Portanto, se os autores desses sistemas foram revolucionários em muitos aspectos, seus discípulos constituem sempre seitas reacionárias. Diante da revolução histórica do proletariado, obstinam-se em manter as velhas concepções de seus mestres. Portanto, procuram embotar de novo a luta de clas-

ses e conciliar os antagonismos. Continuam a sonhar com uma tentativa de realização de suas utopias sociais – criação de falanstérios isolados, fundação de “*home-colonies*”, estabelecimento de uma pequena Icária⁶, edição em formato reduzido da nova Jerusalém – e, para edificar esses castelos de cartas, foram obrigados a fazer apelo à filantropia dos corações e dos cofres dos burgueses. Progressivamente, caem na categoria dos socialistas reacionários ou conservadores descritos acima, e deles se distinguem apenas por um pedantismo mais sistemático, pela fé supersticiosa e fanática nos efeitos miraculosos de sua ciência social.

Por isso, opõem-se obstinadamente a todo movimento político dos operários, movimento que só poderia decorrer da cega descrença que estes manifestam em relação ao novo Evangelho.

Os owenistas na Inglaterra e os fourieristas na França reagem respectivamente contra cartistas e reformistas.

⁶ O nome de “falanstério” designa as colônias socialistas, segundo o plano de Charles Fourier; “Icária” é o nome dado por Cabet à sua utopia e, mais tarde, à sua colônia comunista nos Estados Unidos. (Nota de Engels à edição inglesa de 1888.) “*Home-colony*” (colônia metropolitana) é como Owen chama suas sociedades comunistas modelo. “Falanstério” é o nome dos palácios sociais projetados por Fourier. Icária é o nome do país imaginário e utópico, cujas instituições comunistas Cabet descreveu. (Nota de Engels à edição alemã de 1890.)

IV

POSIÇÃO DOS COMUNISTAS EM RELAÇÃO AOS DIFERENTES PARTIDOS DE OPOSIÇÃO

Deduz-se da Seção II as relações dos comunistas com os partidos operários já constituídos e, portanto, sua posição diante dos caristas ingleses e dos reformadores agrários na América do Norte.

Os comunistas lutam para atingir os interesses e objetivos imediatos da classe operária mas, ao mesmo tempo, representam no seio do movimento atual o futuro do movimento. Na França, os comunistas aliam-se ao partido social-democrata⁷ contra a burguesia conservadora e radical, sem renunciar ao direito de assumir uma atitude crítica em relação às grandes frases e ilusões legadas pela tradição revolucionária.

⁷ Partido então representado no Parlamento por Ledru-Rollin; na literatura, por Louis Blanc, e na imprensa quotidiana por *La Réforme*. O nome social-democrata significava, para esses inventores, uma seção do partido democrata ou republicano mais ou menos revestido de socialismo. (Nota de Engels à edição inglesa de 1888.) O partido então chamado na França de social-democrata era o representado por Ledru-Rollin no plano político e por Louis Blanc no plano literário. Estava, portanto, extremamente longe de assemelhar-se à democracia alemã de hoje. (Nota de Engels à edição alemã de 1890.)

→ aqui já aparece a linha "composta" dos termos da "Linha Socialista e Comunista", no flum da

Na Suíça, apóiam os radicais, sem desconhecer que esse partido é integrado por elementos contraditórios, em parte sociais-democratas, no sentido francês, em parte burgueses radicais.

No que tange aos poloneses, os comunistas apóiam o partido que vê numa revolução agrária a condição da liberação nacional, isto é, o partido que provocou a insurreição da Cracóvia em 1846.

Na Alemanha, desde que a burguesia assuma uma atitude revolucionária, o Partido Comunista luta a seu lado contra a monarquia absoluta, a propriedade fundiária feudal e a pequena burguesia.

Mas não negligencia, em nenhum momento, em despertar nos operários uma consciência tão clara quanto possível do antagonismo jurado entre a burguesia e o proletariado, a fim de que os operários alemães possam transformar em armas contra a burguesia as condições sociais e políticas que a burguesia necessariamente introduz com sua supremacia; para que, após a derrubada das classes reacionárias na Alemanha, se engajem imediatamente na luta contra a própria burguesia.

Para a Alemanha dirigem os comunistas

REVOLUÇÃO PERMANENTE!!!

Nota: Lutar com cada país/situação (LE CARBON SÉRIE TB UM ELEMENTO CONTRADITÓRIO NO SÉC XX)

sua atenção principal, porque a Alemanha está em vésperas de uma revolução burguesa, e porque realizará essa convulsão num momento em que as condições da civilização européia em geral estão mais avançadas e o proletariado bem mais desenvolvido do que na Inglaterra no século XVII e na França no século XVIII. Portanto, a revolução burguesa alemã só poderá ser o prelúdio imediato de uma revolução proletária.

Em uma palavra, em toda a parte os comunistas apóiam qualquer movimento revolucionário contra as ordens sociais e políticas estabelecidas.

Em todos esses movimentos, destacam como questão fundamental do movimento a questão da propriedade, qualquer que seja a forma, mais ou menos desenvolvida, que ela possa ter assumido.

Enfim, os comunistas trabalham, em toda a parte, pela união e pelo entendimento dos partidos democráticos de todos os países.

Os comunistas recusam-se a dissimular suas concepções e seus propósitos. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser atingidos pela derrubada violenta de toda ordem social passada. Que as classes dominan-

tes tremam à idéia de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, exceto seus grilhões. Têm um mundo a ganhar.

Proletários de todos os países, uni-vos!

Karl Marx

KARL MARX

CRÍTICA AO PROGRAMA DE GOTHA

COMENTÁRIOS À MARGEM DO PROGRAMA DO
PARTIDO OPERÁRIO ALEMÃO

1875

APRESENTAÇÃO

O manuscrito que aqui publicamos – a crítica ao programa de Gotha e a carta que a acompanha – foi enviado a Bracke em 1875, pouco antes do Congresso de Unificação de Gotha, para ser levado ao conhecimento de Geib, Auer, Bebel e Liebknecht e, depois, devolvido a Marx. Como o Congresso de Halle incluía na ordem do dia do Partido a discussão do programa de Gotha, eu acreditaria estar cometendo uma falta se subtraísse por mais tempo à publicação esse importante documento – talvez o mais importante – no que toca a essa discussão.

Mas o manuscrito tem ainda outra significação, de maior alcance. Pela primeira vez, a posição de Marx diante da orientação tomada por Lasalle desde seu ingresso no movimento é exposta com clareza e nitidez, tanto no que tange aos princípios econômicos quanto à tática lassalleanos.

O rigor implacável com que o projeto de programa é dissecado, a inflexibilidade com que os resultados obtidos são expressos e as

lacunas, reveladas, tudo isso, quinze anos depois, já não pode mais atingir ninguém. Lassalleanos característicos – ruínas isoladas – só existem no estrangeiro, e o programa de Gotha foi abandonado em Halle, inclusive por seus autores, como totalmente insuficiente.

Entretanto, suprimi e substituí por colchetes, nos lugares em que isso não alterava o sentido, algumas expressões e julgamentos que tinham o caráter de ataques pessoais. O próprio Marx agiria assim, se publicasse hoje o manuscrito. A violência ocasional do estilo devia-se a duas circunstâncias: em primeiro lugar, Marx e eu estávamos vinculados ao movimento alemão mais intimamente do que a qualquer outro. O retrocesso patente que se manifestava nesse projeto de programa afetava-nos profundamente. Em segundo lugar, estávamos naquele momento, quase dois anos depois do Congresso da Internacional em Haia, no apogeu da luta contra Bakunin e seus anarquistas, que nos responsabilizavam por tudo o que acontecia no movimento operário alemão.

Então, era de se esperar que nos imputassem a paternidade secreta desse programa. Essas considerações já não têm razão de ser hoje e, com elas, desaparece a razão de ser das passagens em questão.

Além disso, em razão da lei de imprensa, algumas frases foram substituídas por reticências. Quando optei por uma expressão atenuada, coloquei-a entre colchetes. Caso contrário, a reprodução é literal.

Friedrich Engels
Londres, 6 de janeiro de 1891

CARTA DE MARX A WILHEN BRACKE

Londres, 5 de maio de 1875

Caro Bracke,

Solicito-lhe a gentileza de levar ao conhecimento de Geib, Auer, Bebel e Liebknecht, depois de ler, os comentários críticos seguintes, à margem do programa de coalizão. Estou sobrecarregado de trabalho, e estou indo muito além do limite que os médicos me recomendaram. Portanto, não foi de forma alguma um “prazer” escrever texto tão longo. Entretanto, foi necessário fazê-lo, a fim de que meus encaminhamentos posteriores não fossem mal interpretados pelos amigos do Partido aos quais esta comunicação se destina.

(Depois do congresso de coalizão, Engels e eu publicaremos uma breve declaração que explicará que estamos muito distantes do programa em questão, e que nada temos a ver com ele.)

Isso é indispensável, pois se propaga no exterior a opinião cuidadosamente fomentada pelos inimigos do Partido – opinião totalmen-

te falsa – que dirigimos daqui, em segredo, o movimento do Partido de Eisenach. Em um escrito russo publicado ainda mais recentemente, Bakunin, por exemplo, me responsabiliza [não somente] por todos os programas, etc., desse Partido [mas também por todos os passos dados por Liebknecht desde o início de sua colaboração com o Partido Popular].

Excetuando-se isso, é meu dever não reconhecer, nem mesmo por intermédio de um silêncio diplomático, um programa que minhas convicções condenam absolutamente e que desmoraliza o Partido.

Todo avanço efetivo é mais importante do que uma dúzia de programas. Portanto, não sendo possível – e as circunstâncias do momento não o permitiam – *superar* o programa de Eisenach, devia-se simplesmente concluir um acordo para uma ação comum contra o inimigo. Ao contrário, fabricando programas de princípio (em vez de esperar pelo momento em que esses programas se engendrassem numa atividade conjunta prolongada), expõe-se perante o mundo inteiro balizas para medir o nível do movimento do Partido.

Os chefes dos lassalleanos vieram até nós, compelidos pela situação. Se lhes tivéssemos explicado de início que não aceitaríamos ne-

nhuma negociata com relação aos princípios, eles bem que *teriam que* contentar-se com um programa de ação ou com um plano de organização em vista de uma atuação comum. Em vez disso, permitimos-lhes que se apresentem munidos de mandatos, e reconhecemos que esses mandatos nos comprometem, por nossa parte, e assim encontramos-nos com braços e pernas atados a pessoas que precisam de nossa ajuda. Para coroar tudo, eles realizarão um novo congresso *antes* do *congresso de compromisso*, ao passo que nosso próprio partido terá seu congresso *post festum*. (Queriam indubitavelmente escamotear toda crítica e impedir toda reflexão no interior de nosso próprio partido.) Sabemos que o simples fato da unidade satisfaz por si só aos operários, mas nos enganamos quando acreditamos que esse resultado imediato não teria um custo alto demais.

Aliás, o programa não vale nada, mesmo excetuando-se a canonização dos artigos de fé lassalleanos.

(Remeter-lhe-ei logo a última edição da tradução francesa do *Capital*. Houve longa pausa na impressão devido à proibição do governo francês. O assunto estará encerrado esta semana ou no início da semana que vem. Você

recebeu as seis primeiras remessas? Envie-me também, por favor, o *endereço* de Bernhard Becker, a quem devo igualmente enviar alguns exemplares.)

A livraria do *Volkstaat* tem suas manias. Por exemplo, até agora não me enviaram um único exemplar da edição do *Processo dos Comunistas de Colônia*.

Cordiais saudações,

Karl Marx

COMENTÁRIOS À MARGEM DO PROGRAMA DO PARTIDO OPERÁRIO ALEMÃO

I

1. O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a cultura, e como o trabalho útil só é possível na sociedade e pela sociedade, o produto do trabalho pertence integralmente, por direito igual, a todos os membros da sociedade.

Primeira parte do parágrafo: “O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a cultura”.

O trabalho *não é a fonte* de toda a riqueza. A *natureza* é igualmente a fonte dos valores de uso (e é bem nisso que consiste a riqueza material!) tanto quanto o trabalho que, em si mesmo, é apenas a manifestação de uma força natural, a força de trabalho humana. Essa frase encontra-se em todos os manuais, e justifica-se na medida em que se subentende que o trabalho é anterior, com todos os objetos e meios que a ele se relacionam. Mas um programa socialista não pode permitir que essa fraseologia burguesa passe em silêncio as *con-*

dições que, só elas, atribuem-lhe sentido. E apenas quando o homem age desde o início como proprietário em relação à natureza, fonte primeira de todos os meios e objetos do trabalho, apenas quando a trata como um objeto que lhe pertence, é que seu trabalho se torna a fonte de valores de uso e, portanto, também da riqueza. Os burgueses têm excelentes razões para atribuir ao trabalho uma sobrenatural *força de criação*, pois, precisamente pelo fato de o trabalho depender da natureza, deduz-se que um homem que não possui nenhuma outra propriedade além de sua força de trabalho será necessariamente, em todas as sociedades e civilizações, o escravo de outros homens que se arvoraram em detentores das condições materiais do trabalho. E não pode trabalhar nem viver sem permissão destes últimos.

Deixemos agora a frase tal como está, ou antes, tal como claudica. Que conclusão se deveria esperar? Evidentemente esta:

“Já que o trabalho é a fonte de toda a riqueza, ninguém na sociedade pode apropriar-se de riqueza que não seja um produto do trabalho. Se, portanto, alguém não trabalha, vive às expensas do trabalho alheio, e sua cultura é também apropriada às custas do trabalho alheio”.

Em vez disso, uma segunda frase junta-se à primeira mediante a conjunção “e como”, para extrair da segunda, e não da primeira, a conclusão.

Segunda parte do parágrafo: “O trabalho útil só é possível na sociedade e pela sociedade”.

De acordo com a primeira frase, o trabalho era a fonte de toda a riqueza e de toda a cultura, portanto, não há sociedade possível sem trabalho. E eis que aprendemos, ao contrário, que nenhum trabalho “útil” é possível sem a sociedade.

Também se poderia dizer que é unicamente na sociedade que o trabalho inútil e até socialmente nocivo pode tornar-se um ofício, que é unicamente na sociedade que se pode viver do ócio, etc. – em suma, pode-se recopiar todo o Rousseau.

E o que é um trabalho “útil”? Só pode ser o trabalho que produz o efeito útil procurado. Um selvagem – e o homem é um selvagem desde que deixou de ser um macaco – que abater um animal com uma pedra, que coletar frutos etc., realiza um trabalho “útil”.

Em terceiro lugar: a conclusão: “E como o trabalho útil só é possível na sociedade e pela sociedade, o produto do trabalho pertence integralmente, por direito igual, a todos os membros da sociedade”.

Bela conclusão! Se o trabalho útil só é possível na sociedade e pela sociedade, o produto do trabalho pertence à sociedade – e só cabe ao trabalhador individual aquilo que não for indispensável à manutenção da sociedade, que é a própria “condição” do trabalho.

De fato, essa proposição foi, em todos os tempos, defendida pelos *campeões da ordem social estabelecida do momento*. Em primeiro lugar, vêm as pretensões do governo, e tudo o que se acompanha, pois ele é o órgão social que mantém a ordem social; em seguida, vêm as pretensões das diversas espécies de propriedade privada que são, todas elas, a base da sociedade, etc. Como se vê, pode-se virar e revirar pelo avesso essas frases ocas.

Não há qualquer lógica entre a primeira e a segunda parte desse parágrafo, a não ser adotando a versão seguinte:

“O trabalho só é a fonte de riqueza e da cultura se for um trabalho social” ou, o que vem a dar no mesmo, “se realizado na sociedade e por ela”.

Essa frase é incontestavelmente exata, pois se o trabalho isolado (supondo-se realizadas suas condições materiais) pode criar valores de uso, não pode criar nem riqueza, nem cultura.

Mas não menos incontestável é esta outra frase:

“À medida que o trabalho se desenvolve na sociedade, e torna-se, por conseguinte, fonte de riqueza e de cultura, desenvolvem-se pobreza e desamparo no trabalhador; riqueza e cultura no não-trabalhador.”

Essa é a lei de toda a História até nossos dias. Em lugar da fraseologia habitual sobre “o trabalho” e “a sociedade”, devia-se demonstrar aqui com precisão como, na atual sociedade capitalista, finalmente foram criadas as condições materiais e outras, que capacitam e impelem os trabalhadores a romperem essa maldição social.

Mas, de fato, todo esse parágrafo, tão tosco em seu estilo quanto em seu conteúdo, só existe para inscrever como palavra de ordem bem no alto da bandeira do Partido a fórmula lassalleana do “produto integral do trabalho”. Retomarei mais tarde as idéias “produto do trabalho”, “direito igual”, etc., pois reaparecem sob uma forma um pouco diferente.

2. Na sociedade atual, os meios de trabalho são o monopólio da classe capitalista; a dependência que daí decorre para a classe operária é a causa da miséria e da servidão em todas as suas formas.

Nessa versão “melhorada”, tal frase – extraída dos Estatutos da Internacional – é falsa.

Na sociedade atual, os meios de trabalho são o monopólio dos proprietários fundiários (o monopólio da propriedade fundiária é inclusive a base do monopólio do capital) e dos capitalistas. Os Estatutos da Internacional, na passagem considerada, não citam nem uma nem outra classe de monopolistas. Falam de “monopólios dos meios de trabalho, isto é, das fontes da vida”. O acréscimo da expressão “fontes da vida”, nos Estatutos da Internacional, mostra suficientemente que se inclui a terra entre os meios de trabalho.

Essa retificação foi introduzida porque Lassalle, por razões hoje bem conhecidas, atacava *somente* a classe capitalista, e não os proprietários fundiários. Na Inglaterra, geralmente o capitalista não é nem mesmo o proprietário do solo em que sua fábrica está assentada.

3. A emancipação do trabalho exige que os meios de trabalho se elevem à propriedade coletiva da sociedade e que o trabalho comum seja regulamentado de forma coletiva, com distribuição eqüitativa do produto do trabalho.

“Elevar o meios de trabalho à propriedade coletiva!” Sem dúvida, isso deve querer dizer sua “transformação em propriedade coletiva”, seja dito de passagem.

O que é o “produto do trabalho”? O objeto produzido pelo trabalho ou seu valor? E, neste último caso, o valor total do objeto produzido, ou somente a fração de valor que o trabalho acrescentou ao valor dos meios de produção utilizados?

“Produto do trabalho” é uma idéia vaga que Lassalle coloca no lugar de conceitos econômicos definidos.

O que é uma distribuição eqüitativa?

Não afirmam os burgueses que a distribuição atual é eqüitativa? E não é ela, com efeito, a única distribuição “eqüitativa” que se baseia no modo de produção atual? As relações econômicas são regidas por conceitos jurídicos, ou não serão, ao contrário, as relações jurídicas que nascem das relações econômicas? Os socialistas sectários não têm, igualmente,

as concepções mais diversas acerca dessa distribuição “eqüitativa”?

Para sabermos o que se deve compreender pela expressão pomposa “distribuição eqüitativa”, devemos comparar o primeiro parágrafo com este. Este último supõe uma sociedade em que “os meios de trabalho são propriedade coletiva e o trabalho coletivo é regulamentado em comum”, ao passo que, no primeiro parágrafo, vemos que “o produto do trabalho pertence integralmente, por direito igual, a todos os membros da sociedade”.

“A todos os membros da sociedade”? Mesmo aos que não trabalham? A quem cabe o “produto integral do trabalho”? Unicamente aos membros da sociedade que trabalham? A quem cabe o “direito igual” de todos os membros da sociedade?

Mas “todos os membros da sociedade” e “direito igual” são apenas expressões grandiloqüentes. O cerne é: nessa sociedade comunista, cada trabalhador deve receber, segundo Lassalle, seu “produto integral do trabalho”.

Se tomarmos inicialmente a expressão “produto do trabalho” no sentido de objeto produzido pelo trabalho, então o produto coletivo do trabalho é a “totalidade dos objetos produzidos pela sociedade”.

Disso é preciso deduzir:

Primeiramente: uma provisão para a substituição dos meios de produção deteriorados;

Em segundo lugar: uma parte suplementar para incrementar a produção;

Em terceiro lugar: um fundo de reserva ou de seguro contra acidentes, perturbações em consequência de calamidades naturais, etc.

Essas deduções do “produto integral do trabalho” são uma necessidade econômica, cujo montante deve ser medido em parte com a ajuda do cálculo das probabilidades, em função dos meios e das forças em jogo mas, em todos os casos, não pode ser calculado com base na equidade.

Resta a outra parte do produto total, destinada a servir ao consumo.

Antes de proceder à sua distribuição entre os indivíduos, há ainda que deduzir:

Primeiramente: os encargos gerais da administração, não atinentes diretamente à produção.

Essa parte é imediatamente reduzida ao essencial em comparação com o que se passa na sociedade atual, e decresce à medida que se desenvolve a sociedade nova.

Em segundo lugar: aquilo que se destina a satisfazer as necessidades da coletividade, tais como: escolas, serviços de saúde, etc.

Essa parte ganha imediatamente importância em comparação com o que ocorre na sociedade atual, e aumenta à medida que se desenvolve a sociedade nova.

Em terceiro lugar: um fundo para os que estão incapacitados de trabalhar, etc., em suma, para o âmbito do que se chama hoje de assistência pública oficial.

É somente agora que chegamos à única “distribuição” que, sob a influência de Lassalle, e de uma maneira limitada, o programa tem em vista, ou seja, a essa parte dos objetos de consumo que é partilhada entre os produtores individuais da coletividade.

O “produto integral do trabalho” já se transformou imperceptivelmente em “produto parcial”, embora o que seja retirado do produtor em sua individualidade em qualidade de pessoa privada, a ele retorne, direta ou indiretamente, em sua qualidade de membro da sociedade.

Da mesma forma que a expressão grandiloquente “produto integral do trabalho” desapareceu, vai agora desaparecer a expressão

grandiloquente “produto do trabalho” em geral.

No interior da sociedade coletiva fundada na propriedade comum dos meios de produção, os produtores não trocam seus produtos; da mesma forma, o trabalho incorporado em seus produtos já não aparece *como valor* desses produtos, como uma qualidade material inerente a eles, pois agora, ao contrário do que acontece na sociedade capitalista, já não é por um desvio, mas sim diretamente, que os trabalhos individuais se tornam parte integrante do trabalho comum. A expressão “produto do trabalho”, contestada hoje em razão de sua ambigüidade, perde assim qualquer significação.

Trata-se aqui de uma sociedade comunista, não tal como se *desenvolveu* em suas próprias bases, mas, ao contrário, tal como acaba de *surgir* da sociedade capitalista. Portanto, ela apresenta, em todos os aspectos – econômico, moral e intelectual –, os estigmas da antiga sociedade que a engendrou. O produtor individual recebe, nessa medida, uma vez feitas as deduções, o equivalente exato do que dá à sociedade. O que ele lhe deu é sua quota individual de trabalho. Por exemplo, a jornada social de trabalho compõe-se da soma das horas de trabalho individual. O tempo de trabalho

individual de cada produtor é a parte da jornada de trabalho social que ele forneceu, a parte que nela tomou. Ele recebe da sociedade um bônus, certificando que forneceu determinada quantidade de trabalho (deduzido o trabalho efetuado para os fundos das cooperativas) e, com esse bônus, retira da reserva social uma quantidade de objetos de consumo equivalentes ao custo de uma quantidade igual de seu trabalho. A mesma quota de trabalho que ele deu à sociedade sob uma forma, esta devolve-lhe sob outra.

Reina evidentemente aqui o mesmo princípio que regulamenta a troca das mercadorias, à medida que se trocam valores iguais. O conteúdo e a forma são transformados porque, em circunstâncias diferentes, ninguém pode dar nada senão seu trabalho e, por outro lado, nada pode tornar-se propriedade dos indivíduos, exceto objetos de consumo individuais. Mas, no que se refere à partilha destes últimos entre os produtores individuais, reina o mesmo princípio que para a troca de mercadorias equivalentes: uma quantidade de trabalho sob uma forma é trocada pela mesma quantidade de trabalho sob outra.

Portanto, o *direito igual* continua aqui – em seu princípio – a ser o *direito burguês*, se

bem que princípio e prática não se puxam mais pelos cabelos, ao passo que, para as mercadorias, a troca de equivalentes só existe *em média* e não em cada caso individual.

Apesar desse progresso, o *direito igual* continua preso a uma limitação burguesa. O direito dos produtores é *proporcional* ao trabalho que eles fornecem; a igualdade consiste aqui no emprego do trabalho como *unidade de medida comum*. Mas alguns indivíduos são física ou intelectualmente superiores a outros, fornecendo, portanto, no mesmo intervalo, mais trabalho. Ou então podem trabalhar mais tempo; e o trabalho, para servir de medida, deve ser determinado segundo a duração ou a intensidade, senão deixa de ser uma unidade de medida. Esse direito *igual* é um direito desigual para um trabalho desigual. Não reconhece nenhuma distinção de classe porque todo homem é um trabalhador como os outros. Mas reconhece tacitamente, como privilégios naturais, a desigualdade dos talentos individuais e, por conseguinte, da capacidade de rendimento dos trabalhadores. *Portanto, no seu conteúdo, é um direito baseado na desigualdade, como todo direito*. Por sua natureza, o direito só pode consistir no emprego de uma mesma unidade de medida; mas os indivíduos desiguais (e eles

não seriam indivíduos distintos se não fossem desiguais) só são mensuráveis por uma mesma unidade de medida, se forem considerados de um mesmo ponto de vista, apreendidos por um aspecto *determinado*. Por exemplo, no caso presente, enquanto forem considerados *como trabalhadores* e nada mais, fazendo-se abstracção de todo o resto. Além disso: um operário é casado, outro não; um tem mais filhos do que outro, etc. Para rendimento igual e, portanto, para participação igual no fundo social de consumo, um recebe efetivamente mais do que outro, um é mais rico do que outro, etc. Para evitar todos esses inconvenientes, o direito não deveria ser igual, mas desigual.

Mas esses inconvenientes são inevitáveis na primeira fase da sociedade comunista, tal como acaba de surgir da sociedade capitalista depois de um longo e doloroso parto. O direito jamais pode ser mais elevado do que a estrutura econômica da sociedade e o desenvolvimento cultural correspondente.

Em uma fase superior da sociedade comunista, quando tiver desaparecido a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, assim, a oposição entre trabalho intelectual e trabalho manual; quando o trabalho tiver se tornado, não apenas um meio de

vida, mas o requisito precípua da vida; quando, com o desenvolvimento diversificado dos indivíduos, suas forças produtivas tiverem se incrementado também, e todas as fontes da riqueza coletiva jorrarem com abundância – só então o horizonte estreito do direito burguês poderá ser totalmente suplantado, e a sociedade poderá inscrever em sua bandeira: “A cada um, de acordo com suas habilidades; a cada um, de acordo com suas necessidades!”

Alonguei-me sobre os tópicos “produto integral do trabalho”, “direito igual”, “distribuição eqüitativa”, a fim de mostrar que crime se comete quando, de um lado, quer-se impor ainda a nosso Partido, como dogmas, concepções que tiveram sentido em determinada época, mas não passam hoje de uma fraseologia caduca; e, de outro, quando se deturpa a concepção realista inculcada com grande sacrifício no Partido, mas profundamente arraigada nele, com a ajuda dos embustes de uma ideologia jurídica ou outra, tão familiares aos democratas e aos socialistas franceses.

Abstração feita do que acabo de desenvolver, era, de qualquer forma, um erro grave dar tanta importância à chamada *distribuição*, e nela colocar a ênfase.

Em todas as épocas, a distribuição dos

objetos de consumo é tão-somente o resultado da distribuição das condições de produção; mas essa distribuição é uma característica do próprio modo de produção. Por exemplo, o modo de produção capitalista baseia-se no fato de que as condições materiais de produção são atribuídas aos não-trabalhadores, sob a forma de propriedade do capital e de propriedade fundiária, enquanto a massa só é proprietária das condições pessoais de produção: a força de trabalho. Distribuídos desse modo os meios de produção, a atual distribuição dos objetos de consumo é uma consequência natural. Se as condições materiais de produção fossem propriedade coletiva dos próprios trabalhadores, isso determinaria uma distribuição dos objetos de consumo diferente da atual. O socialismo vulgar (e, posteriormente, por sua vez, uma parte da democracia), na esteira dos economistas burgueses, considera e trata a distribuição como algo independente do modo de produção e confere ao socialismo uma tônica que gravita em torno da distribuição. Uma vez que as relações reais foram elucidadas há muito tempo, por que retroceder?

4. A emancipação do trabalho deve ser obra da classe operária, diante da qual todas

as outras classes formam tão-somente uma massa reacionária.

A primeira frase é colhida no preâmbulo dos Estatutos da Internacional, mas “melhorada”. O preâmbulo diz que “a emancipação da classe operária deve ser obra dos próprios trabalhadores”; ao passo que aqui é “a classe operária” que deve emancipar – o quê? “o trabalho”. Compreenda quem puder.

Em compensação, a antístrofe é uma citação de Lassalle, no melhor estilo: “...diante da qual (da classe operária) todas as outras classes formam tão-somente uma *massa reacionária*”.

No *Manifesto Comunista*, está escrito: “De todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, somente o proletariado é uma *classe realmente revolucionária*. As outras classes vão degenerando e tendem a desaparecer com o desenvolvimento da grande indústria, ao passo que o proletariado é seu produto característico”.

Aqui se concebe a burguesia como uma classe revolucionária – como agente da grande indústria – em relação aos senhores feudais e às classes médias, empenhados em manter todas as posições sociais, que são o fruto de modos de produção caducos. Portanto, essas

classes formam *com a burguesia* uma massa reacionária.

De outra parte, o proletariado é revolucionário perante a burguesia porque, tendo germinado no solo da grande indústria, aspira a despojar a produção de seu caráter capitalista, que a burguesia quer perpetuar. Mas o *Manifesto* acrescenta que as “classes médias tornam-se revolucionárias diante da perspectiva iminente de sua passagem para o proletariado”.

Portanto, desse ponto de vista, é mais um contra-senso afirmar que, frente à classe operária, as classes médias “formam tão-somente uma massa reacionária com a burguesia” e, ainda por cima, com os senhores feudais.

Será que durante as últimas eleições, gritou-se aos artesãos, aos pequenos industriais, etc., e aos *camponeses*: diante de nós, vocês formam, em conjunto com os burgueses e os senhores feudais, tão-somente uma massa reacionária?

Lassalle sabia de cor o *Manifesto Comunista*, da mesma forma que seus fiéis conhecem as Santas Escrituras de sua lavra. Se o falsificava tão grosseiramente, era apenas para escamotear sua aliança com os adversários absolutistas e senhores feudais contra a burguesia.

No parágrafo citado, a sentença lassalleana é forçada, sem nenhuma relação com a citação adulterada dos Estatutos da Internacional. Então, trata-se de uma simples impertinência, que não desagradaria certamente a Bismarck, uma dessas grosserias baratas em que se destaca o Marat berlinense.

5. A classe operária trabalha para sua emancipação primeiramente no âmbito do atual Estado nacional, consciente de que o resultado necessário de seu esforço, comum aos operários de todos os países civilizados, será a fraternidade internacional dos povos.

Contrariamente ao *Manifesto Comunista* e a todo o socialismo anterior, Lassalle concebia o movimento operário do ponto de vista estritamente nacional. E, mesmo depois da Internacional, ainda se seguem suas pegadas nessa direção!

É óbvio que, para poder efetivamente lutar, a classe operária deve organizar-se em seu país como *classe*, sendo o respectivo país teatro imediato de sua luta. É nessa medida que sua luta de classe é nacional, não em seu conteúdo, mas, como diz o *Manifesto Comunista*, “em sua forma”. Mas o “âmbito do atual Esta-

do nacional”, por exemplo, do Império alemão, situa-se, por sua vez, economicamente, “no âmbito do mercado mundial” e , politicamente, “no âmbito do sistema de Estados”. Qualquer comerciante sabe que o comércio alemão é, ao mesmo tempo, comércio exterior, e a grandeza do Sr. Bismarck consiste precisamente em sua maneira de fazer uma *política internacional*.

A que o Partido Operário Alemão reduz seu internacionalismo? À consciência de que o resultado de seu esforço “será *a fraternidade internacional dos povos*” – expressão grandiloquente colhida na Liga Burguesa para a Liberdade e para a Paz, que quer se fazer passar por equivalente da fraternidade internacional das classes operárias em sua luta comum contra as classes dominantes e seus governos. Das *funções internacionais* da classe operária alemã, não se menciona sequer uma palavra! E assim a classe operária deve-se contrapor duplamente à sua própria burguesia – que a ela se opõe confraternizando com os burgueses de todos os demais países – e à política de conspiração internacional do senhor Bismarck.

De fato, a profissão de fé internacionalista do programa está *ainda infinitamente acima* da do partido livre-cambista. Também este pretende que o resultado de seu esforço é “a frater-

nidade internacional dos povos”. Mas ele *faz* também algo para internacionalizar o comércio, e não se contenta absolutamente com o fato de ser consciente de que todos os povos praticam o comércio no próprio país.

A atividade internacional das classes operárias não depende, de forma alguma, da existência da *Associação Internacional dos Trabalhadores*. Esta foi apenas uma primeira tentativa para dotar essa atividade de um órgão central; tentativa que, pelo impulso dado, teve um resultado duradouro, mas, em *sua primeira forma histórica*, não podia sobreviver por muito tempo à queda da Comuna de Paris.

A *Norddeutsche* de Bismarck tinha totalmente razão quando anunciava, para satisfação de seu mestre, que o Partido Operário Alemão, em seu novo programa, abjurara o internacionalismo.

II

Partindo desses princípios, o Partido Operário Alemão esforça-se, mediante todos os meios legais, para fundar o Estado livre e a sociedade socialista; para suprimir o sistema assalariado com a lei de bronze dos salários e a

exploração, sob todas as suas formas; para eliminar toda a desigualdade social ou política.

Retomarei mais tarde o tópico “Estado livre”.

Assim, no futuro, o Partido Operário Alemão deverá crer na “lei de bronze dos salários” de Lassalle! Para que essa lei não se perca, comete-se o absurdo de falar de “abolição do sistema assalariado” (seria correto falar de sistema do trabalho assalariado), “com sua lei de bronze”. Se suprimir o trabalho assalariado, suprimirei naturalmente suas leis, sejam elas de “bronze” ou de esponja. Mas a luta de Lassalle contra o trabalho assalariado gira quase exclusivamente em torno dessa pretensa lei. Para demonstrar, por conseguinte, que a seita de Lassalle triunfou, é preciso que o “sistema dos salários” seja abolido “com sua lei de bronze”, e não sem ela.

Da “lei de bronze dos salários”, só pertence a Lassalle a palavra “bronze”, colhida na frase “grandes e eternas leis de bronze”, de Goethe. A expressão “de bronze” é uma senha com que se reconhecem os crentes ortodoxos. Mas se eu admitir essa lei com o selo de Lassalle e, por conseguinte, no sentido lassalleano, é preciso também admitir seu fundamento.

Qual é ele? Como Lange assinalou pouco depois da morte de Lassalle: é a teoria malthusiana da população (pregada pelo próprio Lange). Mas se essa teoria é exata, *não* posso suprimir tal lei, por mais que possa suprimir o trabalho assalariado, porque então a lei não rege somente o sistema do trabalho assalariado, mas *todo e qualquer* sistema social. É precisamente fundamentando-se nisso que os economistas demonstraram, já há mais de cinqüenta anos, que o socialismo não pode acabar com a miséria que se *funda na natureza*, mas tão-somente *generalizá-la*, reparti-la igualmente por toda a superfície da sociedade!

Mas isso não é o principal. *Abstraindo-se totalmente a falsa* versão que Lassalle dá dessa lei, o retrocesso verdadeiramente revoltante consiste no seguinte:

Depois da morte de Lassalle, em *nosso* Partido abriu-se um caminho para a concepção científica, segundo a qual o *salário do trabalho* não é o que *parece* ser, a saber, *o valor* ou o *preço do trabalho*, mas somente uma forma disfarçada do *valor* ou do *preço da força de trabalho*. Assim, colocou-se de lado toda a concepção burguesa do salário, bem como toda a crítica dirigida até hoje contra ela. Ficou claro que o operário assalariado só tem a autori-

zação de trabalhar para assegurar sua própria subsistência, isto é, *para viver*, conquanto trabalhe gratuitamente um determinado tempo para o capitalista (e, portanto, também para aqueles que compartilham com este a mais-valia); que todo o sistema da produção capitalista visa a prolongar esse trabalho gratuito pela extensão da jornada de trabalho e pelo desenvolvimento da produtividade, isto é, acentuando a tensão da força de trabalho, etc. Portanto, que o sistema do trabalho assalariado é um sistema de escravidão, escravidão tanto mais dura quanto mais se desenvolvem as forças produtivas sociais do trabalho, qualquer que seja a remuneração, melhor ou pior, do operário. E agora que essa concepção ganha terreno em nosso Partido, retrocedemos aos dogmas de Lassalle, ao passo que se deveria saber que Lassalle *ignorava* o que é o salário, e que, na esteira dos economistas burgueses, tomava a aparência da coisa por sua essência.

É como se, entre os escravos revoltados que tivessem enfim descoberto o segredo da escravidão, um escravo preso a concepções antiquadas inscrevesse no programa da revolta: “A escravidão deve ser abolida porque, no sistema da escravidão, o sustento dos escravos não pode ultrapassar certo limite, relativamente baixo!”

O mero fato de que os representantes de nosso partido tenham podido cometer atentado tão monstruoso contra a concepção difundida na massa do Partido, mostra por si só a levianidade [criminosa], [a má-fé] que imprimiram na redação do programa de compromisso!

Em lugar da vaga e pomposa conclusão desse parágrafo: “eliminar toda a desigualdade social e política”, seria preciso dizer que, com a supressão das diferenças de classes, desaparece por si mesma toda a desigualdade social e política que delas emanam.

III

O Partido Operário Alemão exige, para preparar o caminho para a solução da questão social, o estabelecimento de cooperativas de produção, subvencionadas pelo Estado, sob o controle democrático do povo trabalhador. As cooperativas de produção devem ser criadas na indústria e na agricultura com uma amplitude tal que delas surja a organização socialista do trabalho comum.

Depois da “lei de bronze do salário”, de Lassalle, eis a panacéia do profeta! O caminho

é dignamente “preparado”! Substituiu-se a luta de classes existente por uma pomposa fórmula jornalística: “A *questão* social”, para cuja “*solução*” se “prepara o caminho”! Em vez de decorrer do processo de transformação revolucionária da sociedade, a “organização socialista do trabalho em comum” “resulta” da “ajuda do Estado”, ajuda que o Estado fornece às cooperativas de produção que *ele próprio*, e não o trabalhador, “cria”. É bem digno da imaginação de Lassalle pensar que se pode construir uma sociedade nova tão facilmente quanto uma nova ferrovia!

Por [um resto de] pudor, coloca-se “a subvenção do Estado” ... “sob o controle democrático do povo trabalhador”.

Primeiramente, “o povo trabalhador”, na Alemanha, compõe-se na sua maioria de camponeses, e não de proletários.

Em seguida, “democrático” quer dizer, em alemão, “do povo soberano”. Mas o que significa “controle popular e soberano do povo trabalhador”? E isso, mais precisamente para um povo de trabalhadores que, pelas reivindicações que faz ao Estado, manifesta sua plena consciência de que nem está no poder, nem se acha maduro para tal!

É supérfluo fazer aqui a crítica da receita

prescrita por Buchez sob Luís Filipe, em *oposição* aos socialistas franceses, e que os operários reacionários do *Atelier* retomaram. Assim, o mais escandaloso não é que se tenha inscrito no programa essa cura especificamente milagrosa, mas que, no fim das contas, se abandone o ponto de vista de movimento de classe para retroceder ao de movimento de seita.

Dizer que os trabalhadores querem implementar as condições da produção coletiva em escala social e primeiramente em seu próprio país, em escala nacional, significa somente que eles trabalham para subverter as condições atuais de produção; e isso nada tem a ver com a fundação de sociedades cooperativas subvencionadas pelo Estado. Mas no que diz respeito às sociedades cooperativas atuais, estas só têm valor *enquanto* são criações independentes, realizadas pelos trabalhadores, e não são protegidas nem pelos governos nem pelos burgueses.

IV

Chego agora à seção democrática.

a) Livre fundamento do Estado

Primeiramente, de acordo com a seção II,

o Partido Operário Alemão esforça-se para construir o “Estado livre”.

Estado livre – o que é isso?

O objetivo dos trabalhadores que se libertaram da mentalidade tacanha de indivíduos subjugados não é, de modo algum, tornar “livre o Estado. No Império alemão, o “Estado” é quase tão “livre” quanto na Rússia. A liberdade consiste em transformar o Estado, de órgão acima da sociedade, em órgão inteiramente subordinado a ela. E ainda hoje as formas do Estado continuam mais ou menos livres, segundo limitem a “liberdade do Estado”.

O Partido Operário Alemão – pelo menos se adotar esse programa – mostra que as idéias socialistas nem mesmo o tocam de leve; em lugar de tratar a sociedade vigente (e isso vale para qualquer sociedade futura) como o *fundamento* do Estado presente (ou futuro para a sociedade futura), considera antes o Estado como uma realidade independente, com seus próprios “*fundamentos intelectuais, morais e livres*”.

Além disso, que abuso calamitoso faz o programa das expressões “Estado atual”, “sociedade atual”! E que confusão ainda mais desoladora manifesta a respeito do Estado, ao qual se dirigem suas reivindicações!

A “sociedade atual” é a sociedade capitalista que existe em todos os países civilizados, mais ou menos livre dos elementos medievais, mais ou menos modificada pelo desenvolvimento histórico próprio de cada país, mais ou menos desenvolvida. Ao contrário, o “Estado atual” muda com as fronteiras de cada país. Ele difere no Império prussiano-alemão e na Suíça, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Portanto, “o Estado atual” é uma ficção.

No entanto, os diversos Estados dos diversos países civilizados, apesar da múltipla variedade de suas formas, têm em comum o fato de repousarem nas bases da sociedade burguesa moderna, mais ou menos desenvolvida do ponto de vista capitalista. É por isso que têm em comum certas características essenciais. Nesse sentido, pode-se falar da “essência do Estado atual”, em oposição ao futuro, quando a sociedade burguesa, lugar de seu enraizamento presente, terá deixado de existir.

Então, uma questão se coloca: que transformação sofrerá a essência do Estado em uma sociedade comunista? Em outros termos: que funções sociais – análogas às funções atuais do Estado – nela subsistirão? Essa questão só pode ter uma resposta científica, e não se fará avançar um milímetro o programa, por mais

que combinemos de milhares de formas a palavra *Povo* com a palavra *Estado*.

Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista, há o período de transformação revolucionária da primeira na segunda. A esse período corresponde também um período de transição política em que o Estado não poderá ser outra coisa que *a ditadura revolucionária do proletariado*.

O presente programa nada tem a ver nem com esta última, nem com a essência futura do Estado na sociedade comunista.

Suas reivindicações políticas não contêm nada mais que a velha e consabida litania democrática: sufrágio universal, legislação direta, justiça popular, milícia popular, etc. Elas são simplesmente o eco do Partido Popular burguês, da Liga para a Liberdade e para a Paz. São apenas reivindicações já *realizadas*, quando não estão exageradas até converterem-se em uma representação fantasiosa. Simplesmente, o Estado em que elas existem não se situa, de forma nenhuma, dentro das fronteiras do Império alemão, mas na Suíça, nos Estados Unidos, etc. Essa espécie de “Estado futuro” é um *Estado atual*, embora situado fora “do âmbito” do Império alemão.

Mas esqueceu-se de uma coisa. Já que o

Partido Operário Alemão declara expressamente atuar no seio “do Estado nacional atual”, portanto em seu próprio Estado, o Império prussiano-alemão – de outro modo suas reivindicações seriam, em maior parte, absurdas, pois só se exige o que ainda não se tem –, o Partido não deveria esquecer o essencial, a saber, que todos esses belos pormenores repousam no reconhecimento da chamada soberania do povo e, portanto, só têm cabimento em uma *República democrática*.

Já que não se ousa – atitude sábia, pois as circunstâncias exigem prudência – exigir a República democrática, como faziam os programas dos trabalhadores franceses, sob Luís Filipe e Luís Napoleão, não se deveria esquivar, por uma artimanha (tão pouco “honesta” quanto respeitável), exigindo coisas que só têm sentido em uma República democrática de um Estado que não é nada mais que um despotismo militar de estrutura burocrática e proteção policial, guarnecido de formas parlamentares, com uma mescla de elementos feudais e influências burguesas (e, além disso, garantir a esse Estado que se pretende impor-lhe semelhante programa “por meios legais”).

Até a democracia vulgar, que vê na República democrática um paraíso de mil anos, e

que não tem a menor idéia de que é precisamente sob esta última forma estatal da sociedade burguesa que se travará o combate supremo entre as classes, a própria democracia está a quilômetros acima dessa espécie de democratismo que se move dentro das fronteiras do que é autorizado pela polícia e proibido pela lógica.

Que se compreenda por “Estado” a máquina governamental, ou o Estado enquanto constitui, em consequência da divisão do trabalho, um organismo próprio, separado da sociedade, indicam-nos estas palavras: “O Partido Operário Alemão exige como *fundamento econômico do Estado* um imposto de renda único e progressivo, etc.”. Os impostos são a base econômica da máquina governamental e nada mais. No Estado futuro, tal como existe na Suíça, essa reivindicação está quase realizada. O imposto de renda supõe as diversas fontes de renda das diversas classes sociais, por conseguinte, a sociedade capitalista. Portanto, não é surpreendente que os *Financial Reformers*, de Liverpool – burgueses liderados pelo irmão de Gladstone –, formulem reivindicação idêntica à desse programa.

b) O Partido Operário Alemão exige como fundamento intelectual e moral do Estado:

1. Educação geral e idêntica para todos, a cargo do Estado. Escola obrigatória para todos. Instrução gratuita.

Educação popular idêntica para todos?
O que se entende por essas palavras? Acredita-se que na sociedade atual (e é dela que se trata) a educação possa ser *idêntica* para todas as classes? Ou então se exige que também as classes superiores sejam reduzidas à força a limitar-se ao ensino restrito – a escola primária –, único compatível com a situação econômica não só dos operários assalariados, mas também dos camponeses?

“Escola obrigatória para todos. Instrução gratuita.” A primeira já existe, inclusive na Alemanha; a segunda, na Suíça e nos Estados Unidos, no que tange às escolas primárias. Se em certos Estados deste último país, estabelecimentos de ensino “superior” são igualmente gratuitos, isto significa apenas que as receitas gerais dos impostos cobrem os gastos de educação das classes superiores. Diga-se de passagem que o mesmo acontece com a “administração gratuita da justiça”, de que fala o ar-

tigo 5. A justiça penal é gratuita em toda a parte; a justiça civil gira quase exclusivamente em torno dos litígios de propriedade e concerne, portanto, quase unicamente às classes abastadas. Deveriam elas sustentar seus processos às expensas do tesouro público?

O parágrafo relativo às escolas teria que exigir, no mínimo, escolas técnicas (teóricas e práticas) adjuntas à escola primária.

É preciso rejeitar peremptoriamente uma “educação popular a cargo do Estado”. Uma coisa é determinar, mediante uma lei geral, os recursos das escolas primárias, a qualificação do pessoal docente, os currículos, etc., e fiscalizar, por intermédio de inspetores públicos, a execução dessas prescrições legais, como acontece nos Estados Unidos. Outra coisa completamente diferente é fazer do Estado o educador do povo! É preciso antes banir toda influência sobre a escola, tanto de parte do governo quanto da Igreja. Sobretudo no Império prusiano-alemão (e que não se invoque o subterfúgio falacioso de falar de um “Estado futuro”; já vimos que cara ele tem). Ao contrário, o Estado é que necessita receber do povo uma educação maciça.

Aliás, apesar de todas essas ressonâncias democráticas, todo o programa está eivado, do

começo ao fim, pelas crenças servis da seita de Lassalle ou, o que é pior, pela crença no milagre da democracia, ou antes por um compromisso entre essas duas espécies de superstições, igualmente afastadas do socialismo.

“*Liberdade da ciência*”, diz um parágrafo da Constituição prussiana. Por que, então, evocá-la aqui?

“*Liberdade de consciência!*” Se quisessem, nessa época de *Kulturkampf*, dar ao liberalismo suas velhas palavras de ordem, só se podia fazê-lo sob esta forma: cada um tem o direito de satisfazer suas necessidades religiosas e físicas, sem que a polícia meta o nariz. Mas o Partido Operário devia, nessa ocasião, exprimir sua convicção de que “a liberdade de consciência” burguesa limita-se a tolerar todos os tipos possíveis de *liberdade de consciência religiosa*, enquanto ele se esforça por emancipar a consciência dos fantasmas religiosos. Mas preferiram não ultrapassar o nível “burguês”.

Chego agora ao fim, pois o apêndice que segue o programa não constitui uma parte *característica*. Assim, procurarei ser breve.

2. Jornada normal de trabalho.

Em nenhum país, o Partido Operário limitou-se a uma reivindicação tão imprecisa, mas sempre fixou a duração da jornada de trabalho que, em circunstâncias determinadas, considera normal.

3. Limitação do trabalho das mulheres e proibição do trabalho infantil.

A regulamentação da jornada de trabalho deve incluir a limitação do trabalho das mulheres – no que se refere a duração, pausas, etc., da jornada de trabalho –, caso contrário, equivale à exclusão do trabalho das mulheres de ofícios que são particularmente contra-indicados para a saúde física e para a moral do sexo feminino. Se é isso que se queria dizer, devia ter sido dito.

“Proibição do trabalho infantil!” Era absolutamente necessário estabelecer o limite de idade.

A *proibição geral* do trabalho infantil é incompatível com a existência da grande indústria, sendo, portanto, apenas um desejo ingênuo e descabido.

Sua implementação, se tal fosse possível,

seria reacionária, já que, desde que esteja assegurada uma estrita regulamentação – contemplando as diversas faixas etárias e outras medidas regulamentares de proteção infantil –, a combinação precoce do trabalho produtivo com a instrução é um dos meios mais poderosos de transformação da sociedade atual.

4. Controle pelo Estado do trabalho nas fábricas, nas oficinas e a domicílio.

Com relação ao Estado prussiano-alemão, era preciso exigir que os inspetores só pudessem ser demitidos pelos tribunais; que qualquer operário possa denunciá-los aos tribunais por transgressão a seus deveres; que sejam obrigatoriamente membros do corpo médico.

5. Regulamentação do trabalho nas prisões.

Reivindicação mesquinha em um programa operário geral. Em todo o caso, era preciso dizer claramente que não se pretendia realmente que os criminosos de direito comum, por medo da concorrência, fossem tratados como animais, nem privá-los do que é precisamente seu único meio de emendar-se, o trabalho pro-

ductivo. Era o mínimo que se poderia esperar de socialistas.

6. Uma lei eficaz de responsabilidade.

Era preciso dizer o que se entende por lei “eficaz” de responsabilidade.

Observemos, de passagem que, a respeito da jornada normal de trabalho, negligenciou-se a parte da legislação das indústrias que concerne às medidas regulamentares sobre a higiene e às medidas de segurança contra os riscos de acidente. A lei de responsabilidade só é aplicada quando essas prescrições são infringidas.

(Em suma, esse apêndice se distingue também por sua redação canhestra.)

Dixi et salvavi animam meam.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO – Em busca dos amanhãs que encantam / 5	
MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA (1848) de Karl Marx e Friedrich Engels/ 11	
Prefácio à edição alemã de 1872, por Karl Marx e Friedrich Engels/ 12	
Prefácio à edição alemã de 1890, por Friedrich Engels/ 15	
Manifesto do Partido Comunista / 23	
I – Burgueses e proletários/ 23	
II – Proletários e comunistas/ 46	
III – Literatura socialista e comunista/ 63	
1. O socialismo reacionário/ 63	
a. O socialismo feudal/ 63	
b. O socialismo pequeno-burguês/ 66	
c. O socialismo alemão ou “verdadeiro”/ 68	
2. O socialismo conservador ou burguês/ 73	
3. O socialismo e o comunismo crítico-utópicos/ 76	
IV – Posição dos comunistas em relação aos diferentes partidos de oposição/ 81	
CRÍTICA AO PROGRAMA DE GOTHA (1875) de Karl Marx / 85	
Apresentação de Friedrich Engels (1891) / 87	
Carta de Marx a Wilhen Bracke (1875) / 90	
Comentários à margem do Programa do Partido Operário Alemão / 94	

1. Catálogo geral da Coleção
2. Poesias – Fernando Pessoa
3. O livro dos sonetos – org. Sergio Faraco
4. Hamlet – Shakespeare/ trad. Millôr
5. Isadora, fragmentos autobiográficos – Isadora Duncan
6. Histórias sicilianas – G. Lampedusa
7. O relato de Arthur Gordon Pym – Edgar A. Poe
8. A mulher mais linda da cidade – Bukowski
9. O fim de Montezuma – Hernan Cortez
10. A ninfomania – D. T. Bienville
11. As aventuras de Robinson Crusoe – Daniel Defoe
12. Histórias de amor – A. Bioy Casares
13. Armadilha mortal – Roberto Arlt
14. Contos de fantasmas – Daniel Defoe
15. Os pintores cubistas – G. Apollinaire
16. A morte de Ivan Iltch – L. Tolstói
17. A desobediência civil – D. H. Thoreau
18. Liberdade, liberdade – Flávio Rangel e Millôr Fernandes
19. Cem sonetos de amor – Pablo Neruda
20. Mulheres – Eduardo Galeano
21. Cartas a Théo – Van Gogh
22. Don Juan – Molière – Trad. Millôr Fernandes
24. Horla – Guy de Maupassant
25. O caso de Charles Dexter Ward – H. P. Lovecraft
26. Vathek – William Beckford
27. Hai-Kais – Millôr Fernandes
28. Adeus, minha adorada – Raymond Chandler
29. Cartas portuguesas – Mariana Alcoforado
30. A mensageira das violetas – Sonetos – Florbela Espanca
31. Espumas flutuantes – Castro Alves
32. Dom Casmurro – Machado de Assis
34. Alves & Cia. – Eça de Queiroz
35. Uma temporada no inferno – A. Rimbaud
36. A correspondência de Fradique Mendes – Eça de Queiroz
38. Antologia poética – Olavo Bilac
39. Rei Lear – W. Shakespeare – Trad. de Millôr Fernandes
40. Memórias póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis
41. Que loucura! – Woody Allen
42. O duelo – Casanova
44. Gentidades – Darcy Ribeiro
45. Memórias de um Sarg. de Milícias – Manuel A. de Almeida
46. Os escravos – Castro Alves
47. O desejo pego pelo rabo – Pablo Picasso
48. Os inimigos – Máximo Gorki
49. O colar de veludo – Alexandre Dumas
50. Livro dos bichos – Vários
51. Quincas Borba – Machado de Assis
53. O exército de um homem só – Moacyr Scliar
54. Frankenstein – Mary Shelley
55. Dom Segundo Sombra – Ricardo Güiraldes
56. De vagões e vagabundos – Jack London
57. O homem bicentenário – Isaac Asimov
58. A viuvinha – José de Alencar
59. Livro das cortêsas – Org. de Sergio Faraco
60. Últimos poemas – Pablo Neruda
61. A moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
62. Cinco minutos – José de Alencar
63. Saber envelhecer e a amizade – Cícero
64. Enquanto a noite não chega – J. Guimarães
65. Tufão – Joseph Conrad
66. Aurélia – Gérard de Nerval
67. I-Juca-Pirama – Gonçalves Dias
68. Fábulas de Esopo
69. Teresa Filósofa – Anônimo do Séc. XVIII
70. Aventuras inéditas de Sherlock Holmes – A. C. Doyle
71. Antologia poética – Mario Quintana
72. Antes e depois – Paul Gauguin
73. A morte de Olivier Bécaille – Émile Zola
74. Iracema – José de Alencar
75. Iaiá Garcia – Machado de Assis
76. Utopia – Tomás Morus
77. Sonetos para amar o amor – Camões
78. Carmem – Prosper Mérimée
79. Senhora – José de Alencar
80. Hagar, o horrível 1 – Dik Browne
81. O coração das trevas – Joseph Conrad
82. Um estudo em vermelho – Conan Doyle
83. Todos os sonetos – Augusto dos Anjos
84. A propriedade é um roubo – P.-J. Proudhon
85. Drácula – Bram Stoker
86. O marido complacente – Sade
87. De profundis – Oscar Wilde
88. Sem plumas – Woody Allen
89. Os bruzundangas – Lima Barreto
90. O cão dos Baskervilles – Conan Doyle
91. Paraísos artificiais – Charles Baudelaire
92. Cândido, ou o otimismo – Voltaire
93. Triste fim de Policarpo Quaresma – Lima Barreto
94. Amor de perdição – Camilo Castelo Branco
95. Megera domada – Shakespeare/Millôr
96. O mulato – Aluísio Azevedo
97. O alienista – Machado de Assis
98. O livro dos sonhos – Jack Kerouac
99. Noite na taverna – Álvares de Azevedo
100. Aura – Carlos Fuentes
102. Contos gauchescos e lendas do sul – Simões Lopes Neto

103. O cortiço – Aluísio Azevedo
104. Marília de Dirceu – T. A. Gonzaga
105. O Primo Basílio – Eça de Queiroz
106. O ateneu – Raul Pompéia
107. Um escândalo na Boêmia – Conan Doyle
108. Contos – Machado de Assis
109. 200 Sonetos – Luis Vaz de Camões
110. O príncipe – Maquiavel
111. A escrava Isaura – Bernardo Guimarães
112. O solteirão nobre – Conan Doyle
114. Shakespeare de A a Z – W. Shakespeare
115. A relíquia – Eça de Queiroz
117. O livro do corpo – Vários
118. Lira dos 20 anos – Álvares de Azevedo
119. Esaú e Jacó – Machado de Assis
120. A barcarola – Pablo Neruda
121. Os conquistadores – Júlio Verne
122. Contos breves – G. Apollinaire
123. Taipi – Herman Melville
124. Livro dos desaforos – Org. de S. Faraco
125. A mão e a luva – Machado de Assis
126. Doutor Miragem – Moacyr Scliar
127. O penitente – Isaac B. Singer
128. Diários da descoberta da América – Cristóvão Colombo
129. Édipo Rei – Sófocles
130. Romen e Julieta – William Shakespeare
131. Hollywood – Charles Bukowski
132. Billy the Kid – Pat Garrett
133. Cuca fundida – Woody Allen
134. O jogador – Dostoiévski
135. O livro da selva – Rudyard Kipling
136. O vale do terror – Conan Doyle
137. Dançar tango em Porto Alegre – S. Faraco
138. O gaúcho – Carlos Reverbél
139. A volta ao mundo em oitenta dias – J. Verne
140. O livro dos esnobes – W. M. Thackeray
141. Amor & morte em Poodle Springs – Raymond Chandler & R. Parker
142. As aventuras de David Balfour – Robert L. Stevenson
143. Alice no país das maravilhas – Lewis Carroll
144. A ressurreição – Machado de Assis
145. Inimigos, uma história de amor – I. Singer
146. O Guarani – José de Alencar
147. Cidade e as serras – Eça de Queiroz
148. Eu e outras poesias – Augusto dos Anjos
149. A mulher de trinta anos – Balzac
150. Pomba enamorada – Lygia F. Telles
151. Contos fluminenses – Machado de Assis
152. Antes de Adão – Jack London
153. Intervalo amoroso – Affonso Romano de Sant'Anna
154. Memorial de Aires – Machado de Assis
155. Naufrágios e comentários – Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca
156. Ubirajara – José de Alencar
157. Textos anarquistas – Bakunin
158. O pirotécnico Zacarias – Murilo Rubião
159. Amor de salvação – Camilo Castelo Branco
160. O gaúcho – José de Alencar
161. O Livro das maravilhas – Marco Polo
162. Inocência – Visconde de Taunay
163. Helena – Machado de Assis
164. Uma estação de amor – Horácio Quiroga
165. Poesia reunida – Martha Medeiros
166. Memórias de Sherlock Holmes – Sir Arthur Conan Doyle
167. A vida de Mozart – Stendhal
168. O primeiro terço – Neal Cassady
169. O mandarim – Eça de Queiroz
170. Um espinho de marfim – Marina Colasanti
171. A ilustre Casa de Ramires – Eça de Queiroz
172. Lucíola – José de Alencar
173. Antígona – Sófocles – trad. Donald Schütler
174. Otelo – William Shakespeare
175. Antologia – Gregório de Matos
176. A liberdade de imprensa – Karl Marx
177. Casa de pensão – Aluísio Azevedo
178. São Manuel Bueno, Mártir – Miguel de Unamuno
179. Primaveras – Casimiro de Abreu
180. O noviço – Martins Pena
181. O sertanejo – José de Alencar
182. Eurico, o presbítero – Alexandre Herculano
183. O signo dos quatro – Conan Doyle
184. Sete anos no Tibet – Heinrich Harrer
185. Vagamundo – Eduardo Galeano
186. De repente acidentes – Carl Solomon
187. As minas de Salomão – Rider Haggard
188. Uivo – Allen Ginsberg
189. A ciclista solitária – Conan Doyle
190. Os seis bustos de Napoleão – Sir Arthur Conan Doyle
191. Cortejo do divino – Nelida Piñon
192. Cassino Royale – Ian Fleming
193. Viva e deixe morrer – Ian Fleming
194. Os crimes do amor – Marques de Sade
195. Besame Mucho – Mário Prata
196. Tuareg – Alberto Vázquez-Figueroa
197. O longo adeus – Raymond Chandler
198. Os diamantes são eternos – Ian Fleming
199. Notas de um velho safado – C. Bukowski
200. 111 ais – Dalton Trevisan
201. O nariz – Nicolai Gogol
202. O capote – Nicolai Gogol
203. Macbeth – William Shakespeare
204. Heráclito – Donald Schütler
205. Você deve desistir, Osvaldo – Cyro Martins
206. Memórias de Garibaldi – A. Dumas
207. A arte da guerra – Sun Tzu
208. Fragmentos – Caio Fernando Abreu
209. Festa no castelo – Moacyr Scliar

210. O grande deflorador - Dalton Trevisan
211. Corto Maltese na Etiópia - Hugo Pratt
212. Homem do princípio ao fim - Millôr Fernandes
213. Aline e seus dois namorados - Adão Iturrugarai
214. A juba do leão - Sir Arthur Conan Doyle
215. Assassino metido a esperto - R. Chandler
216. Confissões de um comedor de ópio - Thomas De Quincey
217. Os sofrimentos do jovem Werther - J. Wolfgang Goethe
218. Fedra - Racine - Trad. Millôr Fernandes
219. O vampiro de Sussex - Conan Doyle
220. Sonho de uma noite de verão - Shakespeare
221. Dias e noites de amor e de guerra - Eduardo Galeano
222. O Profeta - Khalil Gibran
223. Flávia, cabeça, tronco e membros - Millôr Fernandes
224. Guia da ópera - Jeanne Suhamy
225. Macário - Álvares de Azevedo
226. Etiqueta na Prática - Celia Ribeiro
227. Manifesto do partido comunista - Marx & Engels
228. Poemas - Millôr Fernandes
229. Um inimigo do povo - Henrik Ibsen
230. O paraíso destruído - Frei Bartolomé de las Casas
231. O gato no escuro - Josué Guimarães
232. O mágico de Oz - L. Frank Baum
233. Armas no Cyrano's - Raymond Chandler
234. Max e os felinos - Moacyr Scliar
235. Nos céus de Paris - Alcy Cheuiche
236. Os bandoleiros - Schiller
237. A primeira coisa que eu botei na boca - Deonísio da Silva
238. As aventuras de Simbad, o marujo
239. O retrato de Dorian Gray - Oscar Wilde
240. A carteira de meu tio - J. Manuel de Macedo
241. A luneta mágica - J. Manuel de Macedo
242. A metamorfose - Kafka
243. A flecha de ouro - Joseph Conrad
244. A ilha do tesouro - R. L. Stevenson
245. Marx - Vida & Obra - José A. Giannotti
246. Gênesis
247. Unidos para sempre - Ruth Rendell
248. A arte de amar - Ovídio
249. O sono eterno - Raymond Chandler
250. Novas receitas do Anonymus Gourmet - J. A. Pinheiro Machado
251. A nova catacumba - Conan Doyle
252. O Dr. Negro - Sir Arthur Conan Doyle
253. Os voluntários - Moacyr Scliar
254. A bela adormecida - Irmãos Grimm
255. O príncipe sapo - Irmãos Grimm
256. Confissões e Memórias - H. Heine
257. Viva o Alegrete - Sérgio Faraco
258. Vou estar esperando - R. Chandler
259. A senhora Beate e seu filho - Schnitzler
260. O ovo apunhalado - Caio Fernando Abreu
261. O ciclo das águas - Moacyr Scliar
262. Millôr Definitivo - Millôr Fernandes
263. O foguete da morte - Ian Fleming
264. Viagem ao centro da terra - Júlio Verne
265. A dama do lago - Raymond Chandler
266. Caninos brancos - Jack London
267. O médico e o monstro - R. L. Stevenson
268. A tempestade - William Shakespeare
269. Assassinatos na rua Morgue e outras histórias - Edgar Allan Poe
270. 99 corruínas nánicas - Dalton Trevisan
271. Broquéis - Cruz e Sousa
272. Mês de cães danados - Moacyr Scliar
273. Anarquistas - vol. 1 - A idéia - George Woodcock
274. Anarquistas - vol. 2 - O movimento - George Woodcock
275. Pai e filho, filho e pai - Moacyr Scliar
276. As aventuras de Tom Sawyer - Mark Twain
277. Muito barulho por nada - W. Shakespeare
278. Elogio à Loucura - Erasmo
280. O chamado da floresta - J. London
281. Uma agulha para o diabo - Ruth Rendell
282. Verdes vales do fim do mundo - A. Bivar
283. Ovelhas negras - Caio Fernando Abreu
284. O fantasma de Canterville - O. Wilde
285. Receitas de Yayá Ribeiro - Celia Ribeiro
286. A galinha degolada - H. Quiroga
287. O último adeus de Sherlock Holmes - Arthur Conan Doyle
288. A. Gourmet em Histórias de cama & mesa - J. A. Pinheiro Machado
289. Topless - Martha Medeiros
290. Mais receitas do Anonymus Gourmet - J. A. Pinheiro Machado
291. Origens do discurso democrático - Donald Schuler
292. Humor politicamente incorreto - Nani
293. O teatro do bem e do mal - E. Galeano
294. Garibaldi & Manoela - J. Guimarães
295. 10 dias que abalaram o mundo - John Reed
296. Numa fria - Charles Bukowski
297. Poesia de Florbela Espanca vol. 1
298. Poesia de Florbela Espanca vol. 2
299. Escreva certo - É. Oliveira e M. E. Bernd
300. O vermelho e o negro - Stendhal
301. Ecce homo - Friedrich Nietzsche
302. Comer bem, sem culpa - Dr. Fernando Luchese, A. Gourmet e Iotti
303. O livro de Cesário Verde - Cesário Verde
304. O reino das cebolas - C. Moscovich

- 305.100 receitas de macarrão - S. Lancellotti
- 306.160 receitas de molhos - S. Lancellotti
- 307.100 receitas light - H. e Â. Tonetto
- 308.100 receitas de sobremesas - Celia Ribeiro
309. Mais de 100 dicas de churrasco - Leon Diziekaniak
- 310.100 receitas de acompanhamentos - Carmem Cabeda
311. Honra ou vendetta - S. Lancellotti
312. A alma do homem sob o socialismo - Oscar Wilde
313. Tudo sobre Yôga - Mestre De Rose
314. Os varões assinalados - Tabajara Ruas
315. Édipo em Colono - Sófocles
316. Lisístrata - Aristófanes/ trad. Millôr
317. Sonhos de Bunker Hill - John Fante
318. Os deuses de Raquel - Moacyr Scliar
319. O colosso de Marússia - Henry Miller
320. As eruditas - Molière/ trad. Millôr
321. Radicci 1 - Iotti
322. Os Sete contra Tebas - Ésquilo
323. Brasil Terra à Vista - Eduardo Bueno
324. Radicci 2 - Iotti
325. Júlio César - William Shakespeare
326. A carta de Pero Vaz de Caminha
327. Cozinha Clássica - Sílvio Lancellotti
328. Madame Bovary - Gustave Flaubert
329. Dicionário do viajante insólito - M. Scliar
330. O capitão saiu para o almoço... - Bukowski
331. A carta roubada - Edgar Allan Poe
332. É tarde para saber - Josué Guimarães
333. O livro de bolso da Astrologia - Maggy Harrison e Mellina Li
334. 1933 foi um ano ruim - John Fante
335. 100 receitas de arroz - Aninha Comas
336. Guia prático do Português correto - Cláudio Moreno
337. Bartleby, o escriturário - H. Melville
338. Enterrem meu coração na curva do rio - Dee Brown
339. Um conto de Natal - Charles Dickens
340. Cozinha sem segredos - J. A. Pinheiro Machado
341. A dama das Camélias - A. Dumas Filho
342. Alimentação saudável - H. e Â. Tonetto
343. Continhos galantes - Dalton Trevisan
344. A Divina Comédia - Dante Alighieri
345. A Dupla Sertanojo - Santiago
346. Cavalos do amanhecer - Mario Arregui
347. Biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada - Jo van Gogh-Bonger
348. Radicci 3 - Iotti
349. Nada de novo no front - E. M. Remarque
350. A hora dos assassinos - Henry Miller
351. Flush - Memórias de um cão - Virginia Woolf
352. A guerra no Bom Fim - M. Scliar
- 353(1). O caso Saint-Fiacre - Simenon
- 354(2). Morte na alta sociedade - Simenon
- 355(3). O cão amarelo - Simenon
- 356(4). Maigret e o homem do banco - Simenon
357. As uvas e o vento - Pablo Neruda
358. On the road - Jack Kerouac
359. O coração amarelo - Pablo Neruda
360. Livro das perguntas - Pablo Neruda
361. Noite de Reis - William Shakespeare
362. Manual de Ecologia - vol.1 - J. Lutzenberger
363. O mais longo dos dias - Cornelius Ryan
364. Foi bom prá você? - Nani
365. Crepusculário - Pablo Neruda
366. A comédia dos erros - Shakespeare
- 367(5). A primeira investigação de Maigret - Simenon
- 368(6). As férias de Maigret - Simenon
369. Mate-me por favor (vol.1) - L. McNeil
370. Mate-me por favor (vol.2) - L. McNeil
371. Carta ao pai - Kafka
372. Os Vagabundos iluminados - J. Kerouac
- 373(7). O enforcado - Simenon
- 374(8). A fúria de Maigret - Simenon
375. Vargas, uma biografia política - Hélio Silva
376. Poesia reunida (vol.1) - Affonso Romano de Sant'Anna
377. Poesia reunida (vol.2) - Affonso Romano de Sant'Anna
378. Alice no país do espelho - Lewis Carroll
379. Residência na Terra 1 - Pablo Neruda
380. Residência na Terra 2 - Pablo Neruda
381. Terceira Residência - Pablo Neruda
382. O delírio amoroso - Bocage
383. Futebol ao sol e à sombra - E. Galeano
- 384(9). O porto das brumas - Simenon
- 385(10). Maigret e seu morto - Simenon
386. Radicci 4 - Iotti
387. Boas maneiras & sucesso nos negócios - Celia Ribeiro
388. Uma história Farroupilha - M. Scliar
389. Na mesa ninguém envelhece - J. A. Pinheiro Machado
390. 200 receitas inéditas do Anonymus Gourmet - J. A. Pinheiro Machado

Coleção **L&PM** POCKET / SAÚDE

1. Pílulas para viver melhor - Dr. Fernando Lucchese
2. Pílulas para prolongar a juventude - Dr. Fernando Lucchese
3. Desembarcando o Diabetes - Dr. Fernando Lucchese
4. Desembarcando o Sedentarismo - Dr. Fernando Lucchese e Cláudio Castro